



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS

EDIANE DA SILVA GALVÃO
NATYANE PATRÍCIA MARTINS

LITERATURA INFANTOJUVENIL: o uso de fábulas como elemento estimulador da
leitura com alunos do 6º ano C da Unidade Escolar Professor Manoel Viana

Itapecuru-Mirim
2017

**EDIANE DA SILVA GALVÃO
NATYANE PATRÍCIA MARTINS**

LITERATURA INFANTOJUVENIL: o uso de fábulas como elemento estimulador da leitura com alunos do 6º ano C da Unidade Escolar Professor Manoel Viana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Campus de Itapecuru Mirim, para a obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso

Itapecuru-Mirim
2017

Galvão, Ediane da Silva.

Literatura infantojuvenil: o uso de fábulas como elemento estimulador da leitura com alunos do 6º ano C da Unidade Escolar Professor Manoel Viana / Ediane da Silva Galvão, Natyane Patrícia Martins. – Itapecuru- Mirim, 2017. 55 p. f.

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Campus de Itapecuru – Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso.

1. Literatura. 2. Infanto-juvenil. 3. Fábulas. 4. Leitura. I. Martins, Natyane Patrícia. II. Título.

CDU 82-93

**EDIANE DA SILVA GALVÃO
NATYANE PATRÍCIA MARTINS**

LITERATURA INFANTO JUVENIL: o uso de fábulas como elemento estimulador da leitura com alunos do 6º ano C da Unidade Escolar Professor Manfredo Viana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Campus de Itapecuru Mirim, para a obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso

Aprovado em ____/____/____

Prof. Esp. Maurilio Cardoso (Orientador)

2º Examinador

3º Examinador

A todos aqueles que tiverem a oportunidade de ler este trabalho e que assim como nós almejam tornar o nosso país uma nação de sujeitos leitores.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por estar sempre presente em nossa vida, direcionando todos os nossos passos, nos dando sabedoria, inteligência e determinação para seguir em frente com os nossos sonhos e objetivos.

A nossa família pelo apoio, carinho e incentivo que vem nos dando todos esses anos tanto na nossa trajetória acadêmica quanto pessoal.

A todos os nossos colegas de sala de aula, em especial a nossa equipe, composta por Helena Silva, Maria Helena, Jean Ribeiro, Dayse Azevedo e Susy Prazeres pelo companheirismo, respeito e amizade, por compartilharem momentos importantes e significativos dentro e fora da universidade durante esses quatro anos.

Ao nosso orientador Maurilio Barros Cardoso pelo auxílio, compreensão, paciência e responsabilidade durante a consolidação deste trabalho.

A todos os nossos professores do Campus de Itapecuru Mirim, os quais contribuíram para o nosso aprendizado até aqui.

Enfim, às demais pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a nossa formação acadêmica.

“Quanto mais o ser humano lê, mais sábio se tornará”
Desconhecido

RESUMO

A leitura tem um amplo significado dentro e fora do contexto escolar; enriquece a comunicação, o vocabulário, permite que o indivíduo se posicione autônoma e criticamente na sociedade, podendo assim compreender o mundo a sua volta. É um momento de fruição, de descobertas e de prazer. Tendo em vista os seus múltiplos benefícios na vida do ser humano, a falta do hábito desta observada em muitos estudantes na contemporaneidade, este estudo tem como finalidade demonstrar a relevância dessa prática por meio da literatura infantojuvenil, em especial com ênfase nas fábulas como mecanismo de incentivo e estímulo a mesma, visando contribuir para formação leitora dos discentes do 6º ano C do ensino fundamental. Para o desenvolvimento deste tema fora utilizado como metodologia uma pesquisa de cunho bibliográfico e de campo, na qual recorreu-se a acervos, tais como: livros, revistas, artigos e outros, afim de contextualizar o referido tema, mostrando ainda os resultados obtidos através de questionários e da experiência vivida em sala de aula. Como marco teórico inspirou-se nos estudos de vários autores, como Isabel Solé (1998), Cagliari (2008), Paulo Freire (1998), Nelly Coelho (2000) entre outros. Nesse seguimento, aborda-se a historicidade da literatura infantojuvenil, fazendo-se um breve relato desde os seus primórdios aos dias atuais, bem como alguns autores de destaque em sua trajetória, sua relação com o processo de ensino aprendizagem e sua contribuição na formação do jovem leitor. Na oportunidade, enfatizaram-se as concepções de leitura que norteiam o trabalho dos profissionais de língua materna e de outras disciplinas, favorecendo o ensino dessa operação interativa entre os sujeitos envolvidos e o texto. Nessa ótica, tais concepções ressaltam o papel da escola, do professor e da família no que se refere a essa atividade, cuja influência é um dos fatores determinantes para que se constitua o gosto e o hábito da leitura. Posterior a essa sessão, discorre-se sobre o gênero fábula como estratégia de leitura, onde se faz referência aos seus aspectos históricos, definições, características e sua importância no aprimoramento da linguagem oral e escrita embasada em contribuições teóricas. Por fim, faz-se uma reflexão de tudo o que foi focado nesta pesquisa.

Palavras-chave: Literatura. Infantojuvenil. Fábulas. Leitura.

ABSTRACT

Reading has a broad meaning inside and outside the school context; enriches the communication, the vocabulary, allows the individual to stand autonomously and critically in society, so that they can understand the world around them. It is a moment of enjoyment, of discovery and of pleasure. In view of its multiple benefits in human life, the lack of this habit observed in many students in the contemporary world, this study aims to demonstrate the relevance of this practice through the literature on children and youth, especially with emphasis on fables as a mechanism of encouragement and encouragement, aiming to contribute to the reading training of the students of the 6th year of elementary school. For the development of this theme, a bibliographical and field research was used as methodology, in which collections were used, such as: books, magazines, articles and others, in order to contextualize the said theme, showing the results obtained through of questionnaires and of the experience lived in the classroom. As a theoretical framework it was inspired by the studies of several authors, such as Isabel Solé (1998), Cagliari (2008), Paulo Freire (1998), Nelly Coelho (2000) among others. In this follow-up, we approach the historicity of children's literature, making a brief report from its beginnings to the present day, as well as some outstanding authors in its trajectory, its relation with the teaching-learning process and its contribution in the formation of the young reader. At the opportunity, we emphasize the reading conceptions that guide the work of the mother tongue professionals and other disciplines, favoring the teaching of this interactive operation between the subjects involved and the text. In this perspective, such conceptions emphasize the role of the school, the teacher and the family in relation to this activity, whose influence is one of the determining factors for the taste and habit of reading. After this session, we discuss the fable genre as a reading strategy, where reference is made to its historical aspects, definitions, characteristics and its importance in the improvement of oral and written language based on theoretical contributions. Finally, it is made a reflection of everything that was focused in this research.

Keywords: Children's. Literature. Fables. Reading.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL	12
2.1 A importância da literatura infantojuvenil e sua relação na formação leitora	14
2.2 A Literatura Infantojuvenil nos anos finais do ensino fundamental	16
3 CONCEPÇÕES DE LEITURA	19
3.1 A leitura no âmbito escolar.....	21
3.2 O papel do professor no desenvolvimento da leitura	23
3.3 A família como incentivadora do hábito da leitura	25
4 AS FÁBULAS COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA E O SEU VALOR EDUCATIVO	27
4.1 Fábulas: aspectos históricos, conceitos e características	28
4.2 O aprimoramento da leitura por intermédio das fábulas	31
4.3 Algumas considerações sobre estratégias de leitura em sala de aula	34
5 ANÁLISES DOS DADOS DA PESQUISA	36
5.1 Análise do questionário aplicado com os discentes	36
6 SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA COM OS DISCENTES	44
6.1 Dia 04/09/2017	44
6.2 Dia 05/09/2017	45
6.3 Dia 06/09/2017	46
6.4 Dia 11/09/2017	47
6.5 Dia 12/09/2017	47
6.6 Dia 13/09/2017	48
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES	
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade permanente na escola, é através da escola que a capacidade de leitura é aprimorada, pois, é nesta que são formadas as futuras gerações. A eficiência em leitura depende da prática realizada cotidianamente, que por sua vez, é influenciada pela motivação de ler. Convém lembrar que ler está muito além de decifrar códigos e entender o sistema de escrita, mesmo que isso seja necessário, aprender a ler significa, principalmente, atribuir sentido à leitura. Segundo Matta (2009, p. 72) “Dessa forma, pode-se considerar a leitura como um processo de produção de sentidos do qual participam o autor, texto e leitor.”

Faz-se necessário compreender que ler estabelece relações com outros conhecimentos. Este é um processo que se inicia e nunca termina, depende do conhecimento de mundo que o indivíduo já possui, da motivação que tem para aprender e do companheirismo de quem o ensina. Outro fator relevante em todo este processo é o papel do educador na formação leitora dos alunos, que além de estimulador, deve ser bem qualificado, para que possa desenvolver a prática das estratégias de leituras e disponibilizar aos alunos as descobertas no mundo da imaginação contextualizando o que é lido.

A leitura promove o acesso ao legado cultural da humanidade e o exercício da cidadania de forma consciente, elevando a autoestima, promovendo a interação social, oferecendo autonomia, despertando a criatividade, desenvolvendo um olhar crítico e possibilitando formar uma sociedade consciente. No entanto, é notório que grande parte do público infantojuvenil (de diferentes níveis de escolaridade) não valoriza essa atividade, chegando à fase adulta sem ter consciência do quão é fundamental é a leitura para o seu futuro, visto que, atualmente, o mundo precisa de profissionais competentes, qualificados, com habilidades que correspondam às exigências do mercado de trabalho e, nesta visão, a leitura é capaz de desenvolver estas potencialidades.

Percebe-se ainda que a falta do hábito da leitura tem comprometido a formação do indivíduo, sendo considerada uma das principais causas do mau desempenho escolar e, esse déficit adquirido no ensino fundamental, se reflete (na maioria das vezes) no ensino médio e torna-se um dos maiores desafios para muitos pais e professores, que visam formar indivíduos críticos. Com base nisto, tem-se a seguinte questão: a literatura Infantojuvenil, em especial o uso do gênero textual fábula, pode contribuir na formação leitora dos discentes do Ensino Fundamental II, favorecendo o processo de ensino aprendizagem de forma significativa e despertando o gosto pela leitura?

Neste sentido, tendo-se em vista os benefícios da leitura e a sua importância na formação do cidadão crítico e reflexivo, as dificuldades e a falta do hábito de ler visíveis no contexto escolar atual, buscou-se desenvolver esta proposta pedagógica com o intuito de estimular os discentes do 6º ano C (ensino fundamental II) da Unidade Escolar Professor Manoel Viana à leitura, utilizando o gênero textual fábulas, contidas na literatura infantojuvenil desde a antiguidade até os dias atuais. Este tipo de texto (além de serem narrativas curtas) possui, geralmente, ilustrações atrativas e lições de vida que despertam a imaginação dos alunos e sua capacidade de interpretação.

Para isso, a técnica empregada ocorreu por meio de pesquisas bibliográfica, onde se utilizou, dentre outros autores, as contribuições de Vergara (2003) e, de pesquisa em campo, que ocorreu por meio de observações, aplicação de questionários, análise dos resultados obtidos e estudos dos textos direcionados nesta proposta aos alunos.

Portanto, a presente proposta será desenvolvida em sete capítulos que proporcionarão uma melhor abordagem do tema: O primeiro capítulo corresponderá à introdução, na qual constará a apresentação da proposta pedagógica e a ênfase do estímulo à prática da leitura; o segundo capítulo apresentará um breve histórico da literatura infantojuvenil, mostrando os respectivos avanços e contribuições dos autores mais importantes desde os primórdios até os dias contemporâneos, ressaltando-se a sua importância à formação leitora e as suas contribuições para o ensino fundamental; o terceiro capítulo destacará as concepções de leitura, sua relevância no âmbito escolar e fará uma abordagem sobre o papel do educador no desenvolvimento da leitura e da família como incentivadora deste hábito; o quarto capítulo apresentará as fábulas como estratégias de leitura e o seu valor educativo, bem como os aspectos históricos e as características deste gênero textual. Este tópico também abordará o ensino da leitura através das fábulas e algumas considerações sobre estratégias de leitura na sala de aula; por conseguinte, o quinto capítulo demonstrará a análise dos dados realizada por meio de questionários aos alunos e representadas em forma de gráficos; já o sexto capítulo tratará das estratégias de leitura, apresentando a sequência didática utilizada na aplicabilidade das atividades; no sétimo e último capítulo, serão expostas as considerações finais.

2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

A literatura destinada aos pequenos leitores teve suas origens através da tradição oral, que repassava os contos por meio da oralidade e assim propagava e perpetuava as histórias e estórias que, nesse momento histórico, tinham um pêndulo moralizador, pautado nos ensinamentos cristãos da Igreja Católica. Nota-se assim que todos os contos verbalizados (e mais tarde todos os escritos) eram voltados ao público de maior idade, evidenciando que a figura da criança tal qual se conhece atualmente não existia e esta era vista apenas como um adulto pequeno. Entretanto, mesmo que o público infantil fosse delineado para se aproximar ao formato dos dias de hoje, somente as crianças e jovens de classe alta teriam (e tinham) acesso aos grandes clássicos da literatura. Esses mesmos clássicos eram, geralmente, livros de linguagem culta, erudita, sem distinção específica para público infantil, como mencionado anteriormente. Neste mesmo sentido, as crianças das classes desfavorecidas poderiam ter acesso aos contos, mas apenas ouviam as narrações folclóricas por meio da oralidade traduzida na experiência de pessoas mais velhas, ou ainda, quando haviam alguns contos com teor de popularidade.

Averíguam-se, desta forma, que os contos são oriundos de mitos folclóricos, lendas, superstições e histórias populares, repassadas oralmente pelos povos antigos, os quais tinham um grande número de contos misteriosos e fabulosos. Essas narrativas fantásticas faziam parte do hábito daquela época, onde os adultos e as crianças reuniam-se à noite em rodas de conversas na casa de alguém, em terreiros ou em outros locais, para contar e ouvir essas histórias.

Sob esta ótica, se afirma que, ao desbravar uma literatura adequada para a criança e o jovem, a partir do século XVII, essas narrativas, que outrora eram oralizadas, vêm sendo escritas e direcionadas ao público infantil por vários escritores e, com o passar dos tempos, tornaram-se clássicos universais, apreciados pelas crianças do mundo inteiro. Neste contexto, destacam-se os nomes de: Charles Perrault, François Fénelon, os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Essas literaturas tiveram uma popularidade na intenção de transmitir determinados valores a serem absorvidos e respeitados pelas sociedades.

Quando se abordam autores tão importantes para a Literatura Infantojuvenil, como Charles Perrault (1628-1703), nota-se que autores como este sempre demonstraram interesse pelas narrativas populares de seu tempo. Perrault, por exemplo, era um advogado e escritor muito prestigiado pela sociedade francesa, tornando-se autor dos clássicos infantis: O Pequeno Polegar, A Bela Adormecida no Bosque, Cinderela, O Gato de Botas, Chapeuzinho

Vermelho, etc. Do mesmo modo, outros autores se destacaram no mundo dos contos infantis, como François Fénelon (1651-1715), poeta, teólogo e escritor francês, de ideologia liberal quanto à política e educação, que, por ser católico, era sacerdote e pregava sermões e explicações dos textos evangélicos ao público, dentre suas principais obras está, *De L'éducation des filles* - "Da educação das meninas" (1687), Fénelon criava fábulas para os ensinamentos de moralidade e educação às crianças. Logo após, já no século XIX, Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), popularmente conhecidos como "Os Irmãos Grimm", fizeram várias adaptações dos clássicos infantis de origem alemã. Eles catalogaram muitas narrativas, lendas e fábulas da Idade Média e foram considerados representantes ilustres de obras infantis. Algumas das obras dos irmãos Grimm são: João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Branca de Neve, etc.; em seguida Hans Christian Andersen, dinamarquês, depois de sofrer com a morte de seus pais, foi reconhecido e admirado pela sua intelectualidade, ganhando patrocínios pela sua habilidade de escritor. Criador dos contos mais famosos na atualidade, dentre suas obras estão: O Soldadinho de Chumbo, A fábula de minha vida, Rainha da Neve, A roupa nova do rei, A pequena sereia, O patinho feio, etc.

Nesta perspectiva, enfatiza-se que a partir de então, a criança já não faz mais parte da vida adulta na literatura, que agora toma um novo rumo nas primeiras histórias voltadas a um público específico. Surgem assim, novos olhares que se voltam para o público infantil, a família e a escola e desempenham trabalhos voltados somente ao ensino infantil enaltecendo seus valores, suas necessidades e particularidades.

De maneira menos abrangente, voltando-se para uma literatura nacional, pode-se afirmar que a Literatura infantojuvenil vem crescendo a cada dia no Brasil, desde Monteiro Lobato e suas fantásticas histórias em 1920 até os dias atuais com diversos autores, obras para crianças e jovens encantam a todos de qualquer faixa etária. Veem-se leitores deslumbrarem-se com a criatividade desse tipo de gênero, onde a realidade é mostrada de forma mágica, simbólica e fantasiosa, influenciando na formação da criança e do jovem que buscam sua identidade espelhando-se nas personagens e nas histórias dessa literatura:

Na comunicação da criança com a obra literária, estabelece-se uma dupla relação: do leitor com os personagens e dos personagens com o leitor. Nessa comunicação ele se identifica ou não com os personagens ou com a situação vivida por eles. Muitas vezes o leitor coloca-se no lugar do personagem e essa experiência vivida no campo emocional leva-o a uma comunicação com o seu mundo interior, na busca de superação de seus conflitos. (OLIVEIRA, 1996, p. 55)

Em âmbito nacional, Lobato foi o precursor de uma nova literatura infantil, que passou por transformações intensas influenciadas pelo contexto histórico como, a ditadura militar, o aprimoramento da tecnologia, a concretização das políticas, dentre outras mudanças na sociedade. José Bento Monteiro Lobato, nasceu em Taubaté-SP em 18 de abril de 1882, formado em Direito, empresário, editor e escritor é considerado um dos mais conceituado escritores da literatura infantojuvenil, com lançamento na década de 1920, A menina do narizinho arrebitado. Com a grande repercussão desta obra, Monteiro Lobato publicou diversas outras histórias para adultos, jovens e crianças.

Em consequência disso, nota-se que essa literatura, que outrora beneficiava apenas as crianças, ganhou um novo público, os jovens, o que ampliou o grupo leitor e modificou a nomenclatura desse gênero para “literatura infantojuvenil”, como diz Silva (2009, p.39) “Literatura juvenil é invenção recente”. É uma fase inovadora da literatura no Brasil com grandes produções desde Lobato aos dias atuais com outros ilustres autores.

Lobato escreveu diversos livros para crianças e jovens que encantaram o público e criou personagens que estão entre os maiores da literatura universal para qualquer idade. Embora Lobato tenha sido a principal referência, a literatura infantojuvenil brasileira teve um grande avanço em 1980, quando surgiram outros bons escritores e editoras que investiram fortemente na produção, comercialização e distribuição desse trabalho. Até hoje essa literatura é prestigiada pela sociedade brasileira, isso mostra que houve uma continuidade relevante da alta qualidade nas criações de Lobato.

2.1 A importância da literatura infantojuvenil e sua relação na formação leitora

No âmbito escolar e também familiar, é sabido que o hábito da leitura torna o indivíduo mais crítico, reflexivo e argumentador aos novos conhecimentos. Há tempos acontecem estudos e debates que visam buscar novas técnicas e metodologias para a formação leitora das crianças e jovens. A escola trabalha de forma interdisciplinar para que o ato de ler seja valorizado e exaltado por todos os que compõem a esfera estudantil: aluno, família, escola e comunidade. Todavia, basicamente as leituras feitas em salas de aulas que fazem com que os alunos interpretem e refletem sobre textos e obras são as literárias, principalmente a literatura infantil e juvenil, onde são inseridas no contexto escolar a partir dos anos iniciais.

Neste sentido, é fundamental discutir e refletir sobre a relação entre escola e literatura infantojuvenil. A escola é o ambiente de maior circulação de livros produzidos para crianças e jovens, por conseguinte, é essencialmente um espaço para a realização de qualquer estudo

sobre o gênero. Através da literatura infantojuvenil pode-se compreender as complexidades, dimensões e relações entre as obras literárias e o meio social:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... (COELHO, 2000, pág. 27)

A autora traduz em poucas palavras o conceito de literatura infantil, as obras infantis e juvenis trabalhadas na escola estabelecem um diálogo entre a ficção e a realidade, despertando interesses e curiosidades. Dirige-se, apesar de tudo, a uma idade que é a da aprendizagem. Essa literatura esteve sempre muito ligada à escola, sendo apresentadas nos anos iniciais de forma lúdica, através da oralidade.

Tais obras são curtas e ilustradas e, geralmente, são lidas em grupo. Após a leitura acontece o diálogo (que compartilha os conhecimentos adquiridos na obra) entre o professor e os alunos. É neste sentido que se afirma: a escola é um agente transformador! No Brasil, a literatura infantojuvenil sempre esteve ligada à escola, sendo nela que se aprecia a oportunidade ou oportunização do indivíduo à leitura. Através da literatura infantojuvenil o leitor desenvolve suas práticas de conhecimento, pois ao ler obras literárias os alunos percebem estas contém as mesmas realidades que as suas, as mesmas experiências e etc.

Por isso, a leitura na sala de aula deve ser trabalhada rigorosamente, a literatura para criança e para o adolescente é um subsídio extremamente importante para que isso aconteça, a leitura literária torna-se prazerosa, constrói compreensões a partir do imaginário e do fantástico atraindo o aluno cada vez mais ao hábito da leitura. Os textos literários tem um teor altamente pedagógico, pois em meio às dificuldades de formar leitores, obtêm do aluno concentração, abstração, humildade e aprendizagem.

Paraphraseando Coelho (2000), as obras literárias infantis têm duas funções diferentes: a função artística e a função pedagógica. Como arte, a literatura infantil é um instrumento que causa emoção, diversão, satisfação e contribui para a transformação da mentalidade da criança, pois provoca o vislumbre de uma magia envolvente e capaz de desenvolver no leitor um poder criativo, enquanto que, como instrumento pedagógico, é capaz de atuar de forma educativa com a formação e a informação, permitindo que o professor dialogue com o aluno e desperte o seu lado afetivo e cognitivo. Este tipo de envolvimento otimizado pelo uso didático dos gêneros textuais é uma das técnicas pedagógicas que o professor deve empreender.

Nessa mesma linha de pensamento, a autora Maria Alexandre de Oliveira contribui dizendo que:

Ao promover o diálogo dos alunos com a obra, o professor cria condições que ampliam as possibilidades de comunicação do leitor com a obra, numa prática pedagógica que não se detém no ensino informativo do saber já produzido, mas avança, a partir desse saber, rumo à construção de um saber novo, que considera o saber da criança e propicia a sua reelaboração. Esse avanço ocorre através de um exercício de problematização da obra que na verdade caracteriza a prática pedagógica renovada. (OLIVEIRA, 1996, pág. 52)

É importante formar leitores dentro e fora da escola, por que ler não é restrito às aulas de Língua portuguesa ou Literatura, o ensino da leitura está relacionado ao cotidiano de cada aluno. Contudo, despertar o gosto pela leitura é tarefa difícil, mas compensadora, pois quando a criança adquire este prazer ela se torna capaz de tomar suas próprias atitudes. Com isso, a criança passa a escolher seus próprios livros para ler e compreende que foi através do compromisso do professor para com ela que resultou nessa dedicação.

2.2 A literatura infantojuvenil nos anos finais do ensino fundamental

Os livros de literatura infantojuvenil são um dos principais veículos de letramento nas escolas brasileiras. O trabalho com obras literárias tem um papel relevante no processo ensino-aprendizagem e na formação de cidadãos críticos e reflexivos. O ensino continua frágil e os professores precisam de toda ajuda disponível, mas existe agora um esforço para assegurar a qualidade literária dos livros que chegam à escola. Como a leitura é parte essencial da formação pedagógica, tenta-se criar um círculo virtuoso, no qual a demanda na escola funciona como estímulo para a produção e o comércio de livros de boa qualidade.

É comum observar como a literatura infantojuvenil não tem espaço privilegiado nas salas de aulas da segunda etapa do ensino fundamental, essa defasagem está presente na maioria das escolas públicas do país. Os sistemas de ensino não atendem às grades curriculares com um amplo trabalho de literatura infantojuvenil, conseqüentemente os adolescentes não são contemplados com a aproximação ao mundo fantástico, lúdico e fictício das histórias. Escolas e professores devem esforçar-se favoravelmente para que os alunos tenham uma visão ampliada sobre a importância da literatura aos seus estudos e inseri-los no contexto de suas formações leitoras, reflexivas e olhares críticos voltados à realidade.

Quando o aluno entra na segunda etapa do ensino fundamental se depara com diversas disciplinas, as quais todas, sem exceção, requer um aluno leitor. Teoricamente, o aluno deve interpretar diversos textos propostos por cada matéria, a habilidade de interpretação vem das aulas de língua portuguesa que compete à leitura e produção textual. Assim, o aluno estará apto a ler e interpretar basicamente os textos propostos por professores de outras disciplinas,

vale ressaltar que, o incentivo à leitura é dever dos professores de toda e qualquer área de ensino e não somente do educador de língua portuguesa. Em virtude disso, trabalhar com obras literárias na sala de aula é de suma importância para a formação de jovens leitores, formação essa que é um grande desafio para todas as instâncias educacionais.

Atualmente, escola e professor não utilizam a literatura infantojuvenil apenas como instrumento pedagógico para finalidade lúdica e para ensinar a decodificação das palavras ou enriquecer o vocabulário dos seus alunos. A literatura deve ser levada para a sala de aula como uma proposta didática com diversidade, sem perder sua característica lúdica, pois isso é estratégia para atrair o leitor e adentrar na obra de modo que haja um diálogo recíproco. As variadas possibilidades de leituras podem divertindo, ensinar. Os textos literários não devem ser trabalhados de forma secundária e realizados como atividade didática aleatória. O ato da leitura é uma atividade essencial desenvolvida pela escola para a formação dos estudantes. A leitura é um processo que permite uma relação próxima entre leitor e o autor, onde o texto que se ler é o intercessor da comunicação entre eles. O indivíduo que pratica a leitura tem a oportunidade de estender seus conhecimentos e preparar-se para a compreensão da vida, possui a competência da linguagem em todas as suas vertentes, repercute de forma notável no desenvolvimento geral da pessoa.

O hábito de ler nas escolas não está como prioridade, alunos restringem-se, com supervisão do professor, aos livros didáticos ou qualquer leitura básica proposta em sala de aula. Não é instigado a ampliar seu leque de conhecimentos fora da escola, por isso o déficit na educação brasileira. Ler é uma ação interdisciplinar, todas as disciplinas necessitam da leitura para que sejam compreendidas.

É na escola que grande parte dos alunos tem seu primeiro contato com a literatura, por isso a importância de garantir que essa aproximação aconteça de forma significativa com bons e variados livros, além de ambientes e situações que favoreçam eficientemente construção de sentido do texto. O critério primordial para a escolha de livros para os alunos é o literário, a formação leitora depende da qualidade das obras e das vivências com a leitura. Iniciar o processo de leitura com textos literários, levando em conta as preferências das crianças e dos adolescentes, possibilita o contato com a diversidade de gêneros e desenvolver o hábito de ler.

Ressalta-se que a literatura é um conjunto de atos prazerosos, é uma arte, um fenômeno que desperta criatividade e simboliza o mundo através da palavra. Se a escola é o espaço de encontro entre alunos e livros, cabe então a ela a responsabilidade de inserir o indivíduo no mundo da leitura. Os anos finais do ensino fundamental consolida essa relação do discente com a leitura.

O aluno do ensino fundamental II passa por um momento de transição na literatura, deixa a fase da literatura infantil, conhece a juvenil e tem prenúncios da literatura para adultos. É neste momento que o aluno deve passar por uma preparação leitora para receber textos e livros que são exigências para concursos e vestibulares. A concepção a seguir revela como o aluno do ensino fundamental chega ao ensino médio familiarizado com leituras de obras:

A obrigatoriedade da leitura de obras literárias, às vezes bastante complexa, para o concurso de vestibular exige uma preparação do leitor. Mas como fazer a ponte para a leitura de textos de literatura no Ensino Médio? Isso pode ser feito no oitavo e nono anos do Fundamental, retomando a prática das gerações passadas de ler obras para adultos. Não quaisquer obras, mas aquelas que ofereçam um grau de dificuldade em relação à temática, à linguagem e à construção que seja compatível com a trajetória do jovem leitor. Sobretudo, a escolha deve levar em conta o interesse ou, pelo menos, a curiosidade que o livro possa despertar, para que o efeito pretendido não seja frustrado. (SILVA, 2009, p. 43)

Diante dessas considerações acima se pode depreender que o professor, motive os alunos a mergulharem no mundo da leitura intensamente para que os mesmos possam adquirir maturidade quanto à prática de leitura.

Tal maturidade deve ultrapassar os limites da escola, eliminar da sua prática a leitura superficial, a escolha por livros mais simples, pelo tamanho das letras, números de páginas, etc. O indivíduo maduro tem o prazer de ler independente das características do livro ou de qualquer texto.

O ato contínuo da leitura torna o leitor cada vez mais experiente e crítico. Tem a liberdade de abordar temas sociais, literários e outros, a cada leitura, mergulha-se mais, adquirindo uma leitura qualitativa, pois quanto mais se ler mais se é desenvolvido e em todos os aspectos da vida há evolução.

3 CONCEPÇÕES DE LEITURA

A leitura está presente na vida do homem ao longo de sua existência, sendo considerada uma das atividades mais antiga do mundo. Desde a antiguidade o mesmo já a utilizava para se comunicar ou se expressar por meio de figuras ou símbolos desenhados nas paredes das cavernas, em pedras e até mesmo em troncos de árvores. Logo, tais sinais eram lidos por um outro alguém que vinha e interpretava a mensagem deixada ali. Com o passar do tempo essa prática foi evoluindo na medida em que a sociedade se transformava, chegando aos dias atuais em diferentes instrumentos comunicativos, ganhando significado e importância nos aspectos social, intelectual, profissional e pessoal.

O que antes era privilégio de alguns, se consolidou em conquista para todas as nações, pois em sua trajetória, poucos tinham acesso aos escritos, por conta dessa restrição, houve um grande índice de analfabetismo. Entretanto, com as transformações ocorridas ao longo dos séculos, com a chegada da imprensa, com os avanços tecnológicos, a leitura foi se tornando cada vez mais necessária e relevante para o homem civilizado, passando a atender diversas e múltiplas finalidades em seu cotidiano. Hoje, essa atividade anteriormente oralizada, vincula-se com os mais variados processos de comunicação e circulação, especialmente, com a mídia eletrônica.

Dessa forma a leitura tornou-se um instrumento valioso para a humanidade e alvo de vários estudos e concepções, sendo considerado um processo contínuo e complexo, o qual se constitui de objetivos e métodos distintos, visando o desenvolvimento de habilidades e competências na transformação do indivíduo de modo global. Uma prática revolucionária que abrange um conjunto de elementos, os quais merecem ser destacados: língua, letras, livro, texto, literatura, autor, linguagem, escola, escrita, leitor, conhecimento, cultura, etc.

Por se tratar de um tema abrangente, tem se tornado um objeto de muitas pesquisas, debates e questionamentos constantes, sendo considerado um dos assuntos mais abordados na contemporaneidade por vários estudiosos, que se reportam à leitura como um processo dinâmico e significativo para a formação do ser humano dentro e fora do contexto escolar.

A partir do exposto, pode-se mencionar o conceito de leitura pontuado por Costin que afirma:

A leitura é uma ferramenta de desenvolvimento e inclusão social. Quem lê se abre para todas as artes, torna-se um cidadão do mundo e capacita-se para a autonomia cultural e intelectual. A leitura é uma janela do tempo e no espaço. (COSTIN, 2002, p.1)

Desse modo, o ato de ler é condição primordial na vida do homem, pois lhe abre portas para todos os tipos de conhecimento, levando-o a refletir e a participar criticamente na sociedade na qual se encontra inserido, e assim, buscar subsídios que possam melhorar ou transformar a sua realidade e a do seu país. Em outras palavras, a leitura se configura na conquista de autonomia e interação do ser humano com o mundo.

Vale lembrar que antigamente, entendia-se a leitura como sendo simplesmente uma atividade de decodificação de signos linguísticos, onde o leitor era levado a decifrar o código escrito sem a preocupação de compreender o que estava nas entrelinhas do texto. Logo, o mesmo tornava-se um mero decodificador ou repetidor de palavras, muitas vezes imitando o seu professor. Sendo assim, o ato de ler, se conceituava na capacidade de percorrer com os olhos sobre o que estava escrito, se limitando no seu estágio inicial (decodificação).

Sobre essa questão, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998, p. 69-70) preconizam:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

Neste caso, ler não é um ato formalista e mecânico, trata-se de uma atividade que ultrapassa a mera decodificação de letras, sílabas ou palavras, a qual implica necessariamente, compreensão, que instiga o leitor a pensar e refletir sobre o que está lendo de forma contextualizada, em que os sentidos começam a ser construídos antes mesmo da leitura propriamente dita. O autor cria o texto, porém é o leitor com os seus conhecimentos quem vai se encarregar de lhe atribuir vida. Uma vez entendendo esse processo, constata-se que a decodificação é apenas um dos procedimentos que se utiliza quando se ler.

Segundo Solé (1998, p.22) a leitura “é um processo de interação entre o leitor e o texto”; ou seja, é uma relação dinâmica que vai além do que o autor tenta passar ao leitor, pois cada um ler da forma que entende, de acordo com os seus conhecimentos sobre o assunto e de seus interesses, finalidades e objetivos. Por exemplo: ler por prazer, para adquirir informação, seguir instruções, para aprender algo, para confirmar conhecimentos prévios, aplicar informações obtidas por meio de um texto na concretização de um determinado trabalho, para sonhar, se divertir, para resolver um problema, para escrever algo, etc. Independente dos

objetivos com que alguém ler, é importante que essa ação se efetive com eficiência, resultando em sua maturidade e autonomia.

Reportando-se a essa asserção Martins (1994) compreende a leitura como uma realização a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, que pode ser qualquer forma de expressão humana - seja ela escrita, sonora, gestual, imagem ou um acontecimento, estabelecendo uma relação histórica entre ambos (leitor e objeto lido).

Na concepção de Cafieiro a leitura é vista como um processo cognitivo e social. Assim ela afirma:

[...] leitura uma atividade ou um processo cognitivo de construção de sentidos realizados por sujeitos sociais inseridos num tempo histórico, numa dada cultura. Entender a leitura como um processo de construção de sentidos significa dizer que quando alguém ler um texto não está apenas realizando uma tradução literal daquilo que o autor do texto quer significar, mas que está produzindo sentidos, em um contexto concreto de comunicação, a partir do material escrito que o autor fornece. Nesse processo, o leitor busca num texto um ponto de partida, um conjunto de instruções, relaciona essas instruções com as informações que já fazem parte de seu conhecimento, com o que já aprendeu em outras situações, produzindo sentidos ou construindo coerência para o texto. (CAFIERO, 2005, p. 17)

Nessa perspectiva, leitor e texto se constroem em um contexto social, em que o leitor tem papel ativo na construção de sentidos. Seus conhecimentos prévios são fatores decisivos para tal construção, pois facilita seu entendimento, sua interação com o texto, ajuda-o a produzir novas informações a partir das relações que são realizadas no momento da leitura, resultando em uma aprendizagem mais significativa dentro da comunicação oral e escrita.

Silva (2003) refere-se a leitura como sendo um elemento fundamental para que o indivíduo adquira o saber. É também um componente da educação, e a educação,- sendo um processo, - aponta para a necessidade de buscas constantes de conhecimentos e/ou informações. Assim, a leitura encontra-se associada ao aprendizado contínuo do ser humano, colocando-o em contato com o mundo e com o outro.

3.1 A leitura no âmbito escolar

Sabe-se que o ambiente escolar é imprescindível tanto para o desenvolvimento das crianças e jovens, como para o seu bem estar. É um espaço propiciador de aprendizagens, de ação e transformação, pois grande parte de seus conhecimentos, habilidades e competências são adquiridos nela. No entanto, é preciso lembrar que tais conhecimentos estão relacionados

à prática da leitura. Esta por sua vez, está presente na vida das pessoas a partir do momento em que passam a observar e compreender o mundo a sua volta.

Diante da importância que a leitura tem no processo ensino-aprendizagem, para a formação e desenvolvimento do ser humano nos diversos seguimentos de sua vida, a escola tem como responsabilidade garantir aos seus educandos um ensino de qualidade, inovar seus métodos, investir e estimular constantemente o hábito da leitura, levando sempre em consideração experiências anteriores, pois antes mesmo de adentrarem nessa instituição, estes já possuem uma gama de conhecimentos trazidos de casa ou de outros lugares onde encontram-se inseridos, ou seja, trazem consigo uma leitura de mundo, um saber que não pode ser ignorado.

Em conformidade ao exposto acima, Freire (2008, p. 11) postulava que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Com essa afirmação, constata-se que a criança ingressa nessa entidade sabendo ler (leitura de mundo), mesmo sem ter mantido contato direto com o livro, mas por meio de suas experiências, da convivência com outras pessoas, interpretando aquilo que o rodeia a sua maneira. É necessário que a mesma una o saber, a experiência e a consciência para construir o conhecimento. Portanto, a leitura de mundo deve ser valorizada pela escola para que assim possa contribuir significativamente na formação leitora.

Para Cagliari (2008) uma das principais tarefas da escola é formar leitores, sendo esta atividade fundamental para o desenvolvimento de outras habilidades. Diz ainda que a falta desta pode trazer grandes consequências em estudos posteriores ou na vida profissional.

A realidade atual mostra que há uma grande deficiência nas escolas públicas e até mesmo em algumas escolas privadas, quando o assunto é leitura, pois muitos alunos não leem como se espera. Veem essa atividade de forma negativa, isto é, como uma obrigação imposta pelo professor para o cumprimento de uma determinada disciplina. Visão esta que compromete a formação integral desses educandos.

Muitas vezes a escola não privilegia o ensino da leitura, a tem apenas como uma imposição do sistema educacional ou como pretexto para o ensino da gramática, para a decodificação de letras se assemelhando a escola tradicional. O que implica uma visão descontextualizada, onde o aluno aprende por exemplo, a dominar as famílias silábicas do ba, be, bi, bo, bu..., formando palavras fora de um contexto significativo. Esse tipo de ensino, é uma das grandes causas das dificuldades encontradas em crianças e adolescentes na hora de ler e interpretar um texto ou enunciado. Assim, afirma Cagliari:

A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura. O aluno muitas vezes não resolve problemas de matemática, mas não porque não saiba matemática, mas porque não sabe ler o enunciado do problema. (CAGLIARI, 2008, p. 148)

Desse modo, fica evidente o quão é importante o papel da escola para o bom desenvolvimento dos alunos. Se esta não quiser torna-se obsoleta, precisa fornecer-lhes os instrumentos necessários para que eles consigam compreender, selecionar e organizar informações, ideias e conhecimentos. Cabe a ela promover condições e estratégias, incentivar e motivá-los a exercer a leitura de forma contínua e permanente para que ocorra o interesse de crescimento individual do leitor, só assim, a aprendizagem fará sentido em sua trajetória tanto dentro como fora dela. Uma das medidas a ser tomada é oportunizar o contato do aluno com a biblioteca escolar. Pois como é sabido esse espaço aproxima a criança do universo da leitura, por possuir uma diversidade de livros de temas variados, imagens e cores distintas. Certamente esse contato pode ser o primeiro passo para o despertar do gosto e do prazer pela leitura. Contudo, não se pode falar em formação leitora sem considerar o papel da escola.

3.2 O papel do professor no desenvolvimento da leitura

É sabido que o hábito da leitura não nasce com o indivíduo, para que esta se torne, faz-se necessário a participação de um mediador, um profissional comprometido com esse processo - o professor. Sua intervenção é essencial para que o educando venha a se tornar um bom leitor- aquele que ler, interpreta e compreende aquilo que está lendo dando sentido ao mesmo. Porém, para que isso aconteça deve mostrar a importância que a leitura tem na vida das pessoas no contexto escolar, econômico, social, profissional entre outros.

Apesar dos múltiplos benefícios e relevância que tem a leitura nas atividades corriqueiras do ser humano, como meio de informação, formação e prazer a mesma muitas vezes não é trabalhada da forma que deveria, sendo uma das causas do fracasso escolar o que repercute negativamente em seu futuro, pois aquele que não se apropria do conhecimento, torna-se um ser mal qualificado, despreparado para cumprir o seu papel de cidadão dentro da sociedade, estando sujeito a alienação, ao conformismo. Por esses e outros motivos, o ato de ler deve ser vivenciado diariamente, principalmente dentro da sala de aula, espaço destinado ao aprimoramento e ampliação de saberes e aprendizagens.

Cabe ao docente o papel de despertar nos discentes o gosto pelos livros e os vários textos que circulam em seu dia a dia, desenvolver por meio da leitura competências e

habilidades nos aspectos cognitivas, emocionais, sensoriais e culturais. Pois gostar de ler, resulta da prática de leitura, motivada e estimulada por aqueles que se propõem a contribuir com a aprendizagem de seus alunos. Assim, menciona Martins:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, dúvidas segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 2003, p. 34)

Evidencia-se assim para que haja êxito no desenvolvimento do leitor, o professor deve seguir um caminho dinâmico, proporcionando aos alunos condições favoráveis por meio do estímulo, motivação e desafios que possam inseri-los no universo da leitura, levando-os a interagir com os suportes escritos (livros, revistas, jornais, receitas, bulas, etc.) e com o outro. A disponibilização dos diferentes gêneros textuais é importante para que estes, produzam novos conhecimentos e os coloque em prática. Essa responsabilidade é independente do nível de escolaridade ou disciplina (Língua portuguesa, Literatura, Geografia, História, Matemática, Ciências, Artes, etc.).

Como afirma Silva (2005, p. 24) “A promoção da leitura é uma responsabilidade de todo o corpo docente de uma escola e não apenas dos professores de língua portuguesa”. Dito isso, percebe-se que formar leitores proficientes é tarefa não somente do professor de língua materna, mas de todos os professores envolvidos na educação dos discentes, pois é o trabalho em conjunto que irá garantir o sucesso dos seus alunos, lembrando que o seu papel é diferente daquele exercido no passado, onde o contato do aluno com a linguagem oral e escrita acontecia mecanicamente, sem reflexões, compreensão e criticidade, logo o professor era o detentor do conhecimento.

Nessa abordagem, realizando uma paráfrase com os apontamentos de Grotta (2001) diz-se que a figura do professor dentro da sala de aula serve de modelo para seus alunos, portanto, o ideal é que ele seja um leitor, que goste de ler, que leia para seus alunos, que leia com domínio, com competência, que vá além e que esteja atualizado em relação a qualquer gênero ou tipologias textuais, aos fatos, aos acontecimentos ocorridos no mundo, para que estes possam também se tornar um leitor.

3.3 A família como incentivadora do hábito da leitura

O âmbito familiar desempenha papel de extrema importância no desenvolvimento de uma criança. É através dele que ela aprende e desenvolve muitas das aptidões e

conhecimentos que conseqüentemente vão influenciar em sua personalidade, na construção do adulto e futuro cidadão. Nesse sentido, a família assim como a escola, tem grande responsabilidade no processo de formação de leitores. Assim como a criança aprende com os pais a importância dos valores éticos e morais, também deve aprender que a leitura é fundamental para o seu crescimento intelectual, social, profissional e cultural.

É interessante ressaltar que a leitura deve ser uma prática iniciada em casa e posteriormente transportada para a escola, não somente como fonte de informação, mas também como fonte de prazer e de entretenimento. Sua contribuição é indispensável no processo ensino aprendizagem. Pois a criança que é motivada desde os seus primeiros anos de vida por seus familiares tem mais facilidade para se tornar um bom leitor.

Pequenas ações diárias como a “contação” de histórias, cantigas de roda ou de ninar, o contato com livros e revistas ilustrados, podem ser uma das formas de despertar o gosto pela leitura. Dentre os muitos benefícios que esse exercício realizado pelos pais ou até mesmo por um irmão mais velho, tio, avô, etc, trazem para a criança, está o despertar do imaginário, a ampliação do vocabulário, melhor comunicação com o outro, a criticidade, reflexão, aprimoramento da escrita entre outros. A partir do exposto, Vygotsky afirma:

O estímulo à leitura deve ocorrer não somente na sala de aula, como também no contexto familiar, uma vez que a família é a base para a formação do ser humano. A criança aprende e se desenvolve com o meio em que está inserido, caso não haja interesse pelos pais, os filhos também terão dificuldades em despertar interesse pelos livros (VYGOTSKY. 2000, p. 58).

Com essa afirmação, percebe-se que o envolvimento da família faz-se necessário no processo de formação leitora. Sua participação implica em uma série de atitudes que devem ser tomadas dentro do lar por parte dos pais e/ou responsáveis. A maneira como a leitura é introduzida e conduzida por eles possivelmente fará a diferença na trajetória de seus filhos como futuros leitores. Iniciativas como levá-los a uma biblioteca, livraria, comprar livros, revistas infantis e deixá-los ao seu alcance, fazer leituras pelo menos uma vez por dia em sua presença de embalagens de produtos, jornais, slogans, placas de rua, entre outros, são comportamentos positivos para estimulá-los e despertar o seu interesse pelos livros ou outros suportes de leitura. Pois não basta apenas dizer que ler é importante, que a criança ou o adolescente tem que ler, é preciso dar exemplos que promovam uma boa relação com ela.

Embora exista várias maneiras de incentivar a leitura, a maioria das crianças não são motivadas em casa, não tem nenhum estímulo que as levem a entenderem o valor desse ato. Alguns pais alegam o fato de não saberem ler, outros por pensarem que esta responsabilidade é uma tarefa da escola, seja ela pública ou privada, especificamente do professor. Uma visão

errônea que tem prejudicado o trabalho de muitos educadores, contribuindo para o baixo rendimento em sala de aula em níveis de escolaridade distintos. Como diz Bamberger (1987, p.9) “todos [...] precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual e social [...]. Essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que estão aprendendo a ler”. Assim, fica entendido que a formação de leitores não é exclusivamente uma tarefa da escola, mas também da família e de todos aqueles que direta ou indiretamente fazem parte da educação das crianças. Uma vez tendo essa consciência, haverá maior probabilidade para a valorização da leitura, e esta será repassada para as gerações futuras.

Em suma, o incentivo à leitura no espaço familiar conta muito para a construção de sujeitos leitores. Se estes não tiverem a princípio o apoio e o exemplo de seus familiares, provavelmente verão essa atividade como algo chato, enfadonho, insignificante, na maioria das vezes, vista como uma obrigação da escola. Por isso, é preciso que a cada dia a família esteja presente nesse processo, que estimulem seus filhos, que faça da leitura um hábito em sua vida. Pois é por meio dela que se pode conhecer e interferir no mundo ao seu redor.

4 AS FÁBULAS COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA E SEU VALOR EDUCATIVO

Como visto no capítulo anterior, a leitura é um processo complexo, o qual não ocorre de um dia para o outro, percorre um trajeto de vida, que deve ser iniciado muito antes do ingresso da criança na escolarização. Esse processo requer entre outras coisas, dedicação, compromisso, motivação, estímulo e conscientização por parte não só da escola, mas também de pais ou responsáveis durante todo o percurso de ensino-aprendizagem.

Embora a participação da família e das demais instituições ou núcleos sociais sejam de grande importância na educação dos indivíduos, é na escola que eles aprendem de forma sistemática e gradual, aprimoram seus conhecimentos e ampliam seus horizontes, tendo como mediador o professor. Este por sua vez, precisa estar seriamente comprometido neste processo, atuando com responsabilidade, qualificado para desempenhar sua missão na construção de sujeitos críticos, reflexivos, capacitados para atuarem ativamente no mundo.

Nesses aspectos, a leitura se constitui na principal fonte de construção do saber por oportunizar o acesso às diferentes áreas do conhecimento. Portanto, o trabalho com a leitura em sala de aula deve ser bem organizado, promover condições, colocando à disposição dos discentes materiais de leitura de diversas fontes, tendo em vista ações pedagógicas mais atrativas, envolventes, de modo a favorecer o processo de compreensão leitora de forma prazerosa, agradável e satisfatória para que assim ocorra o crescimento e interesse do leitor.

Dentro dessa perspectiva cabe ao professor selecionar textos adequados que estimulem o ato de ler constantemente, visando tanto a competência leitora como a escritora, formando assim, indivíduos preparados para atuarem na sociedade contemporânea. Contempla-se aqui então, a fábula, cuja narrativa faz parte da literatura infantojuvenil. Trata-se de um gênero literário curto discursivo em que os personagens geralmente são animais, os quais agem, pensam e sentem como seres humanos, e que se faz presente em diferentes culturas e períodos históricos, acompanhando a evolução da humanidade.

Na concepção de Dohme (2010 p. 24) [...] “as histórias ensinam a criança a crescer e a pensar.” Com essa afirmação, de fato, histórias como as fábulas são capazes de transformar o abstrato em concreto, sendo úteis para o desenvolvimento da criança em vários aspectos – internos e externos (raciocínio, disciplina, caráter, imaginação, senso crítico, criatividade, valores e outros). Seu caráter fictício consiste na fusão de dois elementos: lúdico e pedagógico, contribuindo assim, para a multiplicidade de aprendizagens. Doutra forma, dinamizam situações em que o leitor se descobre, enriquecendo seu conhecimento, onde são desenvolvidas suas habilidades e potencialidades.

4.1 Fábulas: aspectos históricos, conceitos e características

Como mencionado na introdução deste capítulo, as fábulas se constituem em narrativas muito antigas de cunho lúdico e educativo criadas pelo povo e, que vem sendo transmitidas de geração a geração em situações informais, a princípio por meio da fala direcionadas aos adultos a fim de levá-los a refletir sobre sua conduta dentro da comunidade e ao mesmo tempo distraí-los, posteriormente divulgadas nos dias atuais em livros, revistas e sites na internet, agora também destinadas ao público infantil e juvenil.

Do ponto de vista etimológico a palavra fábula vem do latim *fari* que significa falar e do grego *phaó* que tem o mesmo sentido de dizer, contar algo. Embora seja atribuído o seu mérito de criação a Esopo, sua origem até hoje não é determinada com exatidão, como relata Alves (2007, p. 25):

“A origem da fábula se perde no tempo, tornando difícil fixá-la”. Acredita-se que a fábula tenha sido documentada desde o tempo de Buda, e consta que muitas fábulas, atribuídas a Esopo, já haviam sido divulgadas no Egito, quase 1000 anos antes de sua época.

Partindo-se dessa premissa, a fábula é considerada o primeiro tipo de narrativa registrada na trajetória literária, difundida pelas mais variadas culturas ao longo da evolução humana devido à necessidade que o homem tinha de se comunicar com os demais, relatando experiências vividas no dia a dia. Colaborando com a referida autora, Coelho (2000) enfatiza dizendo que a fábula nasceu no Oriente, foi reinventada pelo grego Esopo no Ocidente no século VI. a.C. e aperfeiçoada pelo escravo romano Fedro (I. a.C.), retomada séculos mais tarde (XVII) pelo escritor francês Jean de La Fontaine, responsável por reescrever e adaptar muitas fábulas de Esopo, criando nos anos seguintes suas próprias narrativas (fábulas).

Apesar de sua origem ter raízes primitivas antecedentes aos gregos, historicamente a maior referência que se tem sobre o seu desenvolvimento, é a Grécia, introduzida oralmente por Esopo, um escravo contador de história, nascido na Frígia que viveu em 550 a.C., considerado um dos mais importantes fabulistas na literatura Ocidental, não por ser o inventor do estilo literário, mas por ter popularizado a fábula de maneira sábia e bastante inteligente, o que o fez ganhar notoriedade e o título de o “pai da fábula”, servindo de inspiração a seus sucessores mesmo não tendo deixado nenhum escrito. Em suas criações, utilizava seres da fauna com características humanas para mostrar como homens e mulheres deveriam agir em meio às determinadas situações do cotidiano. Nelas, de certa forma, ele procurava evidenciar a dureza e os perigos da vida real, onde aqueles que não usam o bom senso, a sabedoria ou a esperteza poderiam acabar tendo um final infeliz, ou seja, através do diálogo entre animais,

tentava transmitir uma lição de vida, popularmente conhecida como “moral da história”. Dentre muitas de suas fábulas estão “A raposa e as uvas”, “A cigarra e a formiga” e “A tartaruga e a lebre”.

Posterior a esse fabulista, outro nome de destaque foi o romano Fedro, responsável por atualizar e escrever as fábulas de Esopo e criar outras histórias baseando-se na sociedade de sua época. Nas suas produções, regadas de críticas veladas, animais eram utilizados como personagens centrais, simbolizando aspectos humanos. Assim informa Santos (2003, p.23) “Na Roma Imperial, segundo estudiosos desse gênero, Fedro adapta as narrativas de Esopo para camuflar críticas à sociedade romana”. Diante dessa informação constata-se que o fabulista ao divulgar suas histórias, revelava uma certa insatisfação em relação ao meio social e político. Em síntese, Silva (2008, p.1) acrescenta: “escritas em verso, as histórias de Fedro são sátiras amargas [...] contra costumes e pessoas de seu tempo”. Mediante a esse posicionamento, percebe-se que o sucessor de Esopo, através de suas narrativas tinha por objetivo afetar diretamente a sensibilidade daqueles que as liam ou ouviam, denunciando as injustiças observadas ao seu redor.

Alguns séculos depois (séc. XVII) na França, La Fontaine, escritor de grande prestígio na corte, resgata as fábulas de Esopo e Fedro em forma de verso, renova o gênero com suas próprias produções introduzindo-o definitivamente na literatura ocidental. Nas palavras de Coelho (2010, p. 82) o autor “buscou seus argumentos nos gregos, latinos, franceses, medievais, em parábolas bíblicas, contos populares, narrativas medievais e renascentistas e em várias outras leituras que desafiavam sua infatigável curiosidade”. Logo, suas pesquisas inspiradas em registros orais e escritos antigos serviram para a amplitude do gênero, resultando em sua resistência através dos tempos, ficando mundialmente conhecido.

Assim como os seus antecessores, utilizou a figura animal com características humanas os quais representavam uma simbologia, exemplificada por Machado (1994, p. 57): “a formiga representa o trabalho; o leão simboliza a força; a raposa, a astúcia; o lobo, o poder despótico”. Em outras palavras, cada animal possui um tipo de comportamento humano. Logo, tais animais ganham vida se movimentando na natureza, que falam a língua dos homens, que se apropriam de seus comportamentos, de seus pensamentos, de seus hábitos, ilustrando aquilo que é natural do ser humano. Além disso, manteve a moral da história com a intenção de divertir e respectivamente ensinar algo ao leitor.

Em tais circunstâncias, Coelho (2000) exemplifica tal finalidade explicitada nas próprias palavras de La Fontaine contidas no prefácio de sua primeira coletânea das Fábulas (1668), afirmando que:

Sirvo-me de animais para instruir os homens. [...] Procuo tornar o vício ridículo, por não poder ataca-lo com braço de Hercules [...] Algumas vezes oponho, através de uma dupla imagem, o vício à virtude, a tolice ao bom senso. [...] Uma moral nua provoca o tédio: O conto faz passar o preceito com ele, nessa espécie de fingimento, é preciso instruir e agradar, pois contar por contar, me parece coisa de pouca monta.

Como se pode verificar nos versos destacados, o autor mostra claramente a intenção com que escreve suas histórias: divertir o leitor e ensinar-lhe uma moralidade, onde é manifestada uma experiência de mundo protagonizada na maioria das vezes por animais, isso porque em seus textos, além de usar a figura do animal, também fazia uso de seres inanimados, o que de fato modernizou o gênero, rotulando-o de apólogo, dividido em duas partes: o corpo – narração e a alma - moralidade.

Chegando ao século XX, no Brasil, a fábula ganha nova repercussão com Monteiro Lobato, continuador e seguidor dos três fabulistas já citados na evolução deste gênero tradicional. Entretanto, diferenciou-se destes ao criar uma literatura voltada para crianças e jovens, composta por textos em prosa, os quais adquiriram caráter nacional adaptados à realidade brasileira, traduzidos para uma linguagem mais simples, pois até pouco tempo as fábulas eram escritas em língua estrangeira, difícil de serem entendidas. Sobre tal inovação Ubiali (2013, p. 10) reitera “Utiliza uma linguagem coloquial e aproxima seus leitores da cultura que lhes é própria. Seus personagens são os animais da fauna brasileira [...], e também encontra palavras de uso popular [...]” Nessas condições, nota-se que Lobato, preocupado com o público infantojuvenil, criou suas histórias tendo em vista o contexto brasileiro com o objetivo de aproximá-lo de seus costumes e hábitos. Contudo, as fábulas desse escritor, tornaram-se mais atrativas, não só pela simplicidade com que são escritas, mas também pelo o colorido que as imagens recebem, pelo diálogo divertido entre as personagens e o seu valor educativo.

Considerando este cenário, a fábula recebe conceitos apontados por vários pesquisadores. Coelho (2000) por exemplo, a define como uma forma simples, narrativa de natureza simbólica de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade, onde seus personagens representam algo no contexto universal. Aproximando-se desse conceito Abreu et al., (2000, p. 5) expõe:

[...] pequenas histórias escritas com a intenção de transmitir algum ensinamento sobre a vida, ou que se chama lição de moral. Suas personagens são sempre simbólicas representando algo no contexto universal e retrata situações vividas por animais, com o intuito de transmitir certa moralidade.

Em termos literários, especificamente no dicionário de Massaud Moisés, este gênero recebe a seguinte definição:

Narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a parábola, em razão da moral, implícita ou explícita, que deve encerrar, e de sua estrutura dramática. No geral, é protagonizada por animais irracionais, cujo comportamento, preservando as características próprias, deixa transparecer uma alusão, via de regra satírica ou pedagógica, aos seres humanos. (MOISÉS, 2004, p. 184)

A partir dos conceitos supracitados, entende-se que as fábulas se constituem em pequenas narrativas que se relacionam com as experiências e comportamentos/ações do ser humano no cotidiano, apontando sempre em suas entrelinhas ou no fim valores ético-morais, indo além de uma mera narração ficcional, pois possui íntima ligação com a realidade das pessoas (situações concretas de uma sociedade).

De acordo com Lajolo (2005), também há fábulas sobre objetos, sobre plantas, sobre a morte, sobre pessoas etc. Talvez por conta dessa concepção, seja muitas vezes confundida com outras espécies narrativas: conto de fadas, apólogos, mito, parábola, lenda, sendo difícil classificá-la. Por outro lado, Coelho (2000, p. 166) diz que embora contenham marcas de outros gêneros, se distingue das demais pela presença do animal irracional, colocado em primeiro plano em situação humana exemplar.

Semelhante distinção entre a fábula, a parábola e o apólogo é explicada por Moisés (2004) que de acordo com o autor mesmo que estas se aproximem, tendo em comum uma moral (implícita ou explícita) a diferença está nas personagens: narrativas protagonizadas por seres humanos, parábola; por seres inanimados, apólogo; por animais irracionais, fábula. Resumindo, cada uma das espécies mencionadas possui suas peculiaridades e, portanto, não devem ser confundidas por conta de sua intencionalidade: chamar a atenção do leitor ou ouvinte em relação ao comportamento humano. Com essas definições convém reforçar que as características contidas nas fábulas: brevidade, presença de animais com atitudes humanas, escrita em prosa ou em verso, estilo simples, tempo e espaço indefinidos, narradas em 3ª pessoa, com uma moral implícita ou explícita centradas em um conflito. Tais características estão ligadas a seguinte estrutura: situação inicial (iniciada por uma das personagens), ação (um problema), reação (tentativa de solução do problema) e situação final (desfecho).

4.2 O aprimoramento da leitura por intermédio das fábulas

A partir do pressuposto de que, entre os inúmeros papéis relacionados a formação humana, a escola desenvolve e aprimora a formação leitora, considera-se o uso dos textos

literários na sala de aula essenciais para o desenvolvimento de competências e habilidades leitoras e escritoras, estas (leitura e escrita) atividades indissociáveis no processo de ensino e aprendizagem. Pois ambas, são ferramentas para a construção do saber. Para tanto, é preciso lembrar que as exigências da sociedade atual vão além do saber reconhecer e decodificar as letras e escrever o próprio nome, visto que ler pressupõe reflexão, interpretação e compreensão do escrito; escrever não significa só saber grafar o escrito, mas também estar apto a produzir textos eficazes para diferentes situações comunicativas, atingindo assim seus objetivos.

Durante muito tempo, o ensino da leitura esteve alicerçado a modelos tradicionais, onde o texto, por exemplo, servia simplesmente como pretexto para o ensino da gramática, detido principalmente em conceitos e classificações com ênfase na memorização, sem possibilitar a expressividade de opiniões, interpretação, julgamentos, interação e compreensão do aluno sobre o material lido. Logo, tal exercício tornava-se algo “desprazeroso”, desestimulante, o que não levava ao aprendizado real, que pudesse fazer sentido em outras ocasiões.

Em referência às novas concepções sobre o ensino da leitura, as novas propostas educacionais rompem com esse modelo, ao entenderem a dimensão desse processo, o qual envolve a busca de significados e se processa na medida em que o leitor interage com o texto colocando todo o seu conhecimento cognitivo, promovido individual e coletivamente. Para ilustrar o enunciado discorrido, recorre-se aos PCNs (1997, p. 54), os quais realçam:

Formar um leitor competente pressupõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Através dessa exposição de ideias, ensinar a ler então, é muito mais do que sonorizar as letras, memorizar meros conceitos ou conteúdos, é pois, permitir que o aluno faça novas descobertas, socialize suas opiniões, interprete, compreenda, atribua sentido ao que lê, que seja capaz de produzir, fazer relações com aquilo que já sabe, promover situações em que objetivos sejam concretizados.

Dentro dessa abordagem, a fábula, como um gênero literário de valor cultural e educativo inquestionável, torna-se um importante instrumento no trabalho educativo para o aprimoramento e ampliação de conhecimentos, colaborando com a formação de sujeitos leitores, aumentando o seu nível de letramento – conjunto de práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, isto é, o uso efetivo destas no contexto social, fator determinante para o

pleno exercício da cidadania. O trabalho com esse tipo de texto, oferece subsídios para despertar nos educandos o gosto e o hábito pela leitura, pois sendo ele uma manifestação artística presente desde os primórdios do ser humano, registra pensamentos, ideologias e anseios relacionados com o mundo.

As fábulas, como objeto de ensino na sala de aula, são indicadas desde a fase da educação infantil até o ensino médio, pelo fato de proporcionarem o desenvolvimento do alunado com a língua oral e escrita. Além disso, trabalham com temas ligados à sociedade em diferentes épocas. Por meio desses assuntos, os instiga a expor suas opiniões, analisar, refletir, compreender, identificar informações implícitas/explicitas, estabelecer relações entre o universo ficcional e a realidade.

Tal afirmação é feita por Smolka (1995) ao dizer que esse tipo de texto é um excelente aliado para o trabalho pedagógico com a língua escrita, oral e também sócio antropológico, pois além de aguçar o imaginário, o raciocínio, a criatividade, este gênero pode suscitar discussões em torno de vários temas associados à realidade como: justiça, solidariedade, amizade, vingança, ganância, violência, respeito, etc., possibilitando ao educador rever com seus educandos conceitos referentes a valores éticos e morais.

Sem dúvida, as fábulas são capazes de nortear o ensino da leitura, não só por serem narrativas curtas, mas também por abrir espaços para múltiplas leituras, provocar no leitor emoções, aflorar a imaginação, exercer certa influência na sua personalidade ao observar as atitudes positivas/negativas das personagens semelhantes a dos seres humanos, partindo-se para uma análise crítica. De certo, essas histórias são bastante atrativas independentemente do período em que foram criadas. Assim argumenta Nascimento e Scareli (2011, p. 3):

As fábulas sempre atraíram a atenção das crianças, por trabalharem com o imaginário infantil, pelo uso de personagens antropomorfizados (animais com sentimentos humanos), pela ludicidade que se pode haver em algumas fábulas, enfim, este gênero constitui uma forma, aparentemente suave de educar as crianças.

Por meio desse pensamento, constata-se a grande contribuição das fábulas no desenvolvimento cognitivo, emocional e social do educando, favorecendo significativamente o processo de formação leitora, em que são ativadas as aptidões, aproximando-o do universo letrado, corroborando e colaborando com a democratização da escrita. Sendo assim, essas narrativas devem ser incluídas tanto nas aulas de língua portuguesa quanto nas de literatura, pois se acredita ser um suporte dinâmico, facilitador, interessante e propiciador de saberes diversos.

4.3 Algumas considerações sobre estratégias de leitura na sala de aula

A maneira como a leitura é conduzida pelo professor na sala de aula é fator determinante, que tanto pode aproximar ou distanciar o aluno dos diversos materiais impressos que circulam socialmente, por isso, é necessário que ele esteja ciente de suas atribuições de mediador, aquele que auxilia o aluno em suas conquistas, que pode levá-lo a ler melhor, oportunizando situações favoráveis às aprendizagens, buscando meios eficazes que venham contribuir para a formação de leitores competentes com perspectivas de sucesso. Dentro dessa tomada de consciência Paulo Freire (1998, p.52) orienta: “Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Sob esse ponto de vista, ensinar não significa transmissão de conhecimentos ditados pelo professor como prontos e acabados, mas sim, promover situações em que o aluno consiga compreender, selecionar e organizar tais conhecimentos (sistematizar). No que se refere ao ensino da leitura, esse processo requer orientação e acompanhamento mediado pelo educador. Nesse tocante, faz-se necessário o uso de estratégias (estratégias de leitura), ou seja, ações pelas quais o leitor possa guiar sua leitura. Parafraseando Solé (1998), tais estratégias são ferramentas fundamentais no desenvolvimento de leitores proficientes. Através delas é possível identificar as dificuldades de um determinado aluno ou mais, e a partir daí fornecer-lhes um meio de solucionar o problema observado, mostrando que ele pode traçar seu próprio caminho. Sua utilização dinamiza a aprendizagem, permitindo ao aluno compreender e interpretar com autonomia os textos lidos. Além de tornarem as aulas mais interessantes, possibilitam maior interatividade entre educador e educando.

Nessas condições, Solé (1998, p.69-70) ainda enfatiza que “as estratégias de leitura são procedimentos de caráter elevado que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que o encadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança”. Sendo assim, o ensino de estratégias de leitura na sala de aula, possibilita ao aluno um arcabouço de procedimentos a serem utilizados na construção de sentidos de textos diversos, de esferas comunicativas variadas, portanto devem ser ensinados, considerando sua relevância para que esse leitor faça avaliações do que está processando, relacionando as informações com aquilo que já faz parte de seu conhecimento.

A pertinência de se ensinar estratégias de leitura na sala de aula para a efetivação da compreensão leitora dos aprendizes, pressupõe etapas que de acordo com Solé (1998) se dividem em: estratégias antes da leitura, durante a leitura e depois da leitura. No entanto, a

autora lembra que essas etapas não podem ser consideradas receitas prontas, infalíveis, mas possibilidades que o docente pode explorar juntamente com seus alunos para a concretização de um trabalho mais produtivo, como se descreve; **Antes da leitura:** corresponde à ativação dos conhecimentos prévios do leitor, o estabelecimento de previsões e a formulação de perguntas pertinentes sobre o texto a ser lido, baseados em sua organização gráfica, título, subtítulos, ilustrações, cabeçalhos e outros, cuja etapa envolve a princípio, motivação e objetivos relacionados à leitura; **Durante a leitura:** envolve atividades de leitura dirigida, silenciosa e compartilhada, nas quais se faz formulação de previsões sobre o texto a ser lido, a formulação de perguntas sobre o que foi lido, o esclarecimento de possíveis dúvidas e resumos de ideias sobre o mesmo; **Após a leitura:** consiste na identificação das ideias principais do texto lido, fazendo um resumo escrito, através da formulação de perguntas e respostas para melhor compreendê-lo. É nesse momento que o enredo do texto será discutido, refletindo-se sobre os pormenores considerados importantes para a efetivação da leitura.

Diante dessas considerações, o conhecimento das estratégias de leitura ora apresentadas é de fundamental relevância para a compreensão leitora, pois auxilia o estudante a usar seus conhecimentos prévios, realizar inferências para interpretar o texto lido, identificar o que não entendeu e retirar a essência da informação encontrada fazendo sublinhados, anotações e resumos para a concretização de suas finalidades. Enfim, viabilizam o leitor a refletir sobre aquilo que lê ativamente, confrontando pontos de vista diferentes nas linhas e nas entrelinhas. Logo, tais estratégias devem ser aplicadas a todas as disciplinas. Pois o que se quer são sujeitos letrados, que leiam e escrevam não só no espaço escolar, mas também extraescolar.

5 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

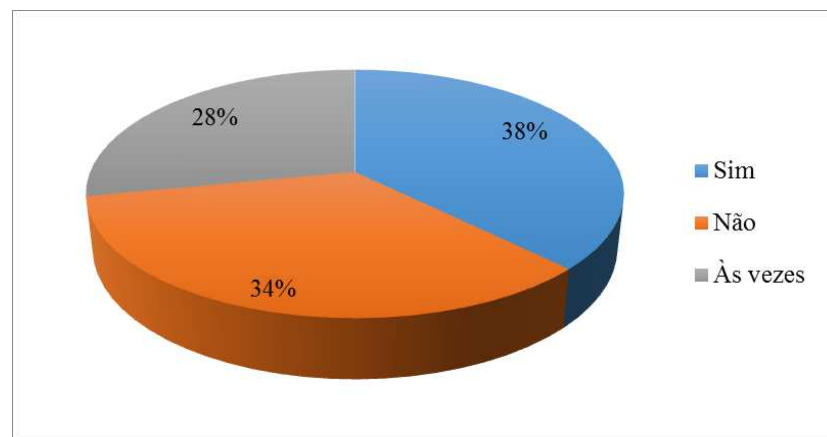
Esta seção tem como objetivo apresentar e analisar os resultados de uma pesquisa de campo realizada no estabelecimento de ensino Unidade Escolar Professor Manoel Viana, pertencente à categoria de escola pública municipal, situada em Itapecuru-Mirim, na Avenida Gomes de Sousa, cuja pesquisa versa sobre a leitura, tendo como público alvo os alunos do 6º ano C do ensino fundamental com os quais se utilizou - como instrumento de investigação para a obtenção de dados - questionários com questões fechadas.

Neste sentido, a análise dos dados a seguir mostra como se apresenta o hábito da leitura e a sua importância no cotidiano dos alunos mencionados a partir de uma visão crítica embasada em concepções teóricas.

5.1 Análise dos questionários aplicados com os discentes

A presente pesquisa foi aplicada com trinta e dois estudantes do 6º ano C do turno vespertino da referida escola através de questionário com dez perguntas fechadas. No primeiro gráfico, analisa-se a seguinte pergunta:

Gráfico 1: Você gosta de ler?

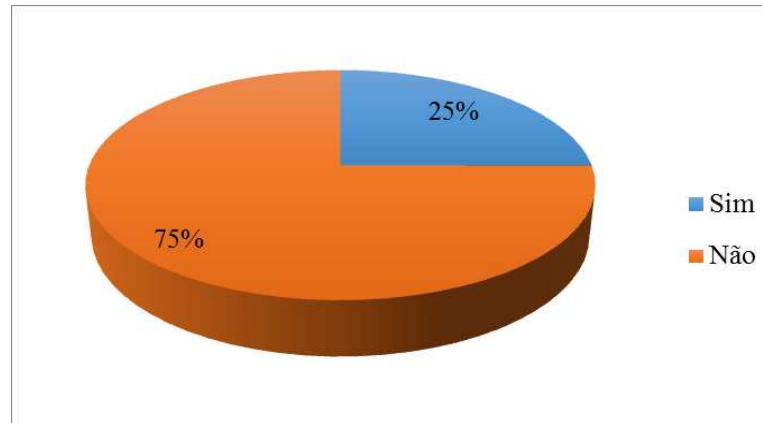


Fonte: GALVÃO, Ediane. MARTINS, Natyane. Itapecuru-Mirim, 2017.

Conforme o gráfico, dos trinta e dois alunos, 38% afirmaram que sim, 34% disseram que não e 28% disseram que às vezes. Percebe-se diante dos resultados obtidos que a maioria dos alunos gosta de ler. O que é louvável, pois o ensino fundamental é um dos alicerces para que se construa um exímio leitor, e a escola possui papel fundamental nisto. De acordo com as palavras de Ezequiel Theodoro (1988, p. 16), “professores e alunos precisam ler porque a leitura é um componente básico da educação e a educação sendo um processo, aponta, para a

necessidade de buscas constantes do conhecimento”. Sendo assim, a leitura fará com que esses alunos, em um futuro bem próximo, consigam ter êxito em seus projetos. Isso tudo perpassa pelas mãos do professor-leitor, que é o maior exemplo para seus alunos.

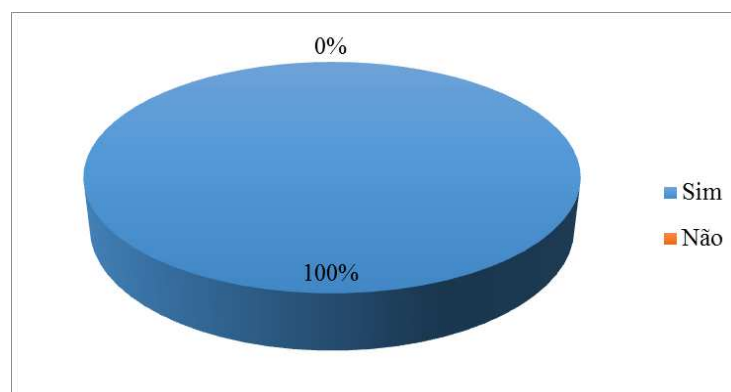
Gráfico 2: Você costuma ler todos os dias, livros, revistas, jornais ou outros instrumentos de leitura em sua casa?



Fonte: GALVÃO, Ediane. MARTINS, Natyane. Itapecuru-Mirim, 2017.

No gráfico 2, 25% dos alunos disseram que sim e 75% responderam que não. De acordo com essas respostas, observa-se que já existe algo destoante com a primeira resposta. Ora, se a criança gosta de ler, ela não ficará com esse prazer apenas na sala de aula, ela lerá muito mais em sua casa, onde haverá mais tempo para se entreter com os livros. Todavia, nem professores, nem os pais podem obrigar as crianças a lerem, pois, “Obrigar alguém a ler um livro, mesmo que seja pelas melhores razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura”. (LOBATO apud MACHADO, 2002, p. 14). Sendo assim, o exemplo de leitor em casa e na escola poderá mudar essa realidade. Sabe-se que leitura é um ato contínuo, então os pais precisam ser esse modelo de leitor em casa e assim fazer com que seu filho venha a seguir tais atitudes.

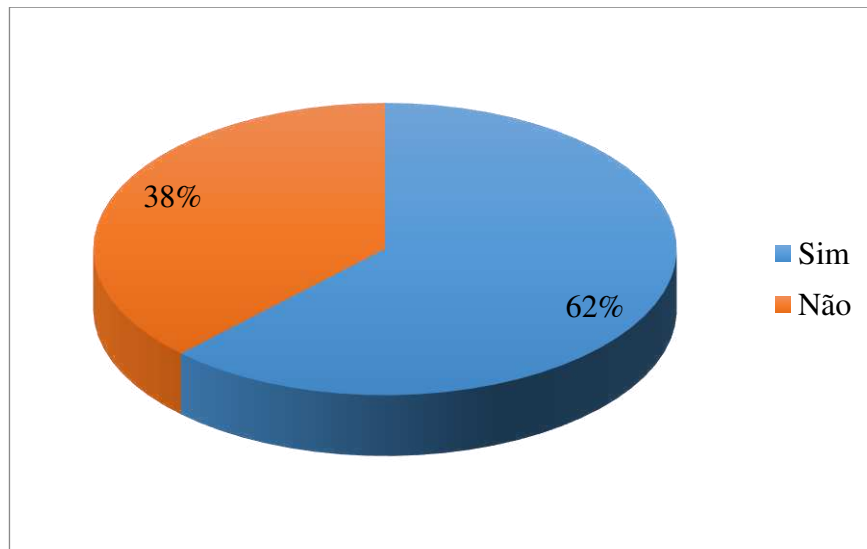
Gráfico 3: Você acha que a leitura é importante na vida do ser humano?



Fonte: GALVÃO, Ediane. MARTINS, Natyane. Itapecuru-Mirim, 2017.

Observa-se neste gráfico que todos os estudantes creem que a leitura seja importante na vida do ser humano, todavia, no gráfico anterior eles a maioria ressaltou que não praticam a leitura de nenhum gênero em sua residência. Ora, de acordo com Orlandi (2000, p.39) “ler e escrever são, hoje, duas práticas sociais básicas em todas as sociedades letradas, independentemente do tempo médio com elas despendido e do contingente e pessoas que as praticam”, destarte, tudo gira em torno da leitura, o que se atesta na pergunta acima é que as crianças possuem a mesma visão, contudo, a prática deixa a desejar.

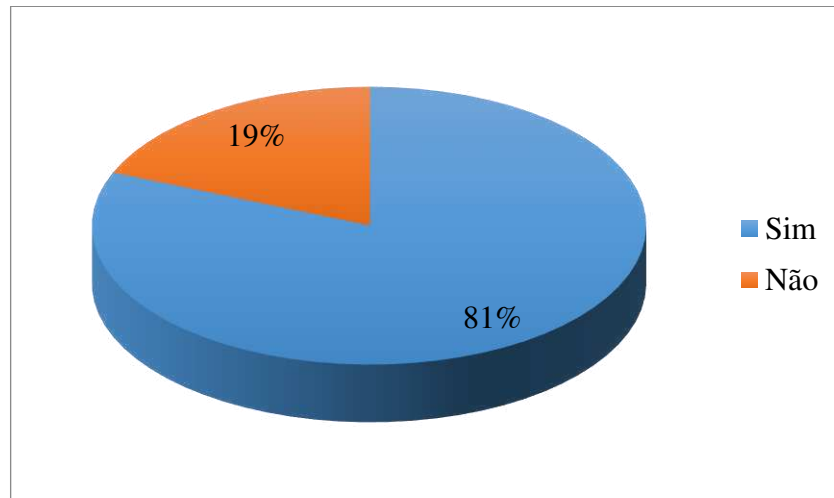
Gráfico 4: Sua família ou responsáveis por você costumam incentivá-lo a praticar a leitura?



Fonte: GALVÃO, Ediane. MARTINS, Natyane. Itapecuru-Mirim, 2017.

No gráfico 4, 62% dos educandos responderam que suas famílias os incentivam a praticarem a leitura e 38% responderam que sua família não os incentivam a ler. Sendo assim, a maioria das famílias dos alunos incentiva para que eles venham a praticar a leitura. O que é muito importante, pois a leitura feita pelos pais pode ajudar a criança a adquirir o prazer pela leitura ainda na infância, pois, “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatralizar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto!” (ABRAMOVICH, 1997). Então, segundo a resposta dos alunos a família incentiva o hábito da leitura, mas ainda deve-se lembrar dos gráficos anteriores que os próprios estudantes disseram que não costumam ler em casa. Resta saber como está sendo esse incentivo familiar, para que a escola venha fazer o seu papel, seus planejamentos, rever suas metodologias no intuito de ajudar a família a construir um grande leitor, levando-o a estabelecer laços mais afetivos com a leitura.

Gráfico 5: Seus professores o incentivam a ler?



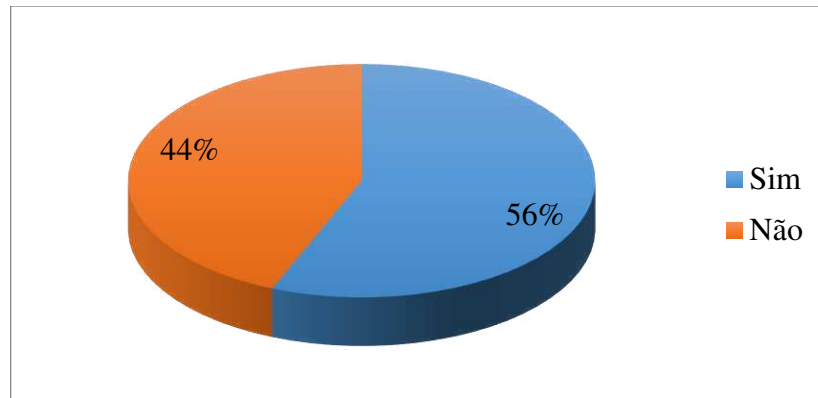
Fonte: GALVÃO, Ediane. MARTINS, Natyane. Itapecuru-Mirim, 2017.

Neste gráfico observa-se que os professores estão fazendo o papel correto de incentivar seus alunos a lerem. Pois 81% deles incentivam seus alunos, enquanto apenas 19% não os incentivam. O papel decisivo de um professor na construção do conhecimento do seu aluno, perpassa pela leitura; e mesmo diante de tantas adversidades, o professor precisa saber contornar tais obstáculos. Segundo Silva (1997, p. 53)

A maioria das escolas públicas brasileiras não possui biblioteca e as que possuem estão em estado calamitoso de funcionamento, seja em nível de organização, seja em nível de acervos. Esta aberração é complementada por uma distorção completa das funções da biblioteca dentro da escola, pois geralmente a biblioteca é conduzida e controlada não por um especialista, mas por um professor em fase de se aposentar ou em função remanejada, que o priva da sala de aula.

Esse tipo de obstáculo, que se ergue como um verdadeiro muro entre aluno e leitura, só o professor como mediador para derrubar. Sendo assim, de acordo com a resposta dos alunos os professores estão destruindo essas barreiras. Agora, nesse ato de eliminar tais obstáculos, é preciso que a família também esteja envolvida e acima disso, o aluno precisa ter vontade de buscar o conhecimento dos livros e de todos os instrumentos relacionados e essa atividade. Pois estes são um convite ao mundo do conhecimento. Por meio destes, são transmitidos saberes diversos, os quais trazem informações referentes a diferentes culturas de diversos povos, registram histórias, fatos importantes, acontecimentos e outros, ajudando-o a desenvolver seus argumentos, seu raciocínio, vocabulário, expressividade oral e escrita, colaborando com o processo de letramento.

Gráfico 6: Quando você ler uma história ou outros tipos de textos, você entende o que ler?



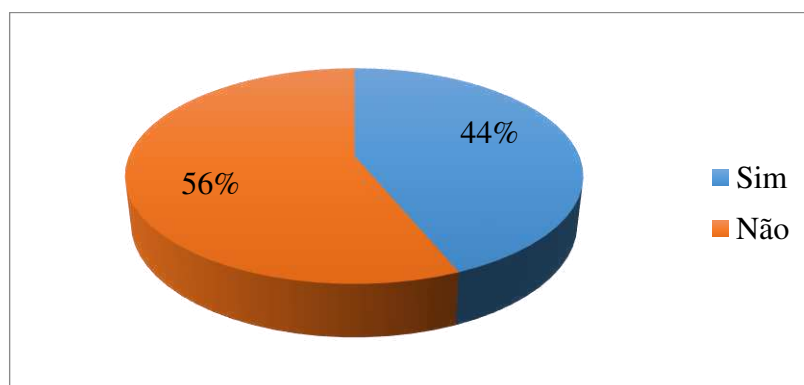
Fonte: GALVÃO, Ediane. MARTINS, Natyane. Itapecuru-Mirim, 2017.

Os dados evidenciam que 56% dos alunos leem e compreendem o que leem, no entanto, 44% dos alunos desta mesma turma não entendem nada nas leituras que fazem. Apesar de ter um número considerado de alunos que não conseguem interpretar o q ler, pode- se afirmar que o cenário é visto positivamente.

Se o aluno lê sem prazer, sem o exercício da crítica, sem imaginação; se ele lê e não faz disso uma descoberta ou um ato de conhecimento; se ele só reproduz, nos exercícios, a palavra lida do outro, não há nisso nada que lhe possibilite uma intervenção sobre aquilo que historicamente está posto. (SUASSUNA, 1995, p. 52)

É de grande relevância para o estudante lê efetivamente, pois a compreensão de um texto traz um diferencial para o indivíduo, contribui para sua formação crítica e reflexiva; obtém conhecimentos e adquire uma visão ampliada sobre tudo que o cerca. A progressão do aluno acontece quando suas leituras forem realizadas competentemente, ou seja, a partir da leitura compreendida.

Gráfico 7: Você sabe o que é fábula?

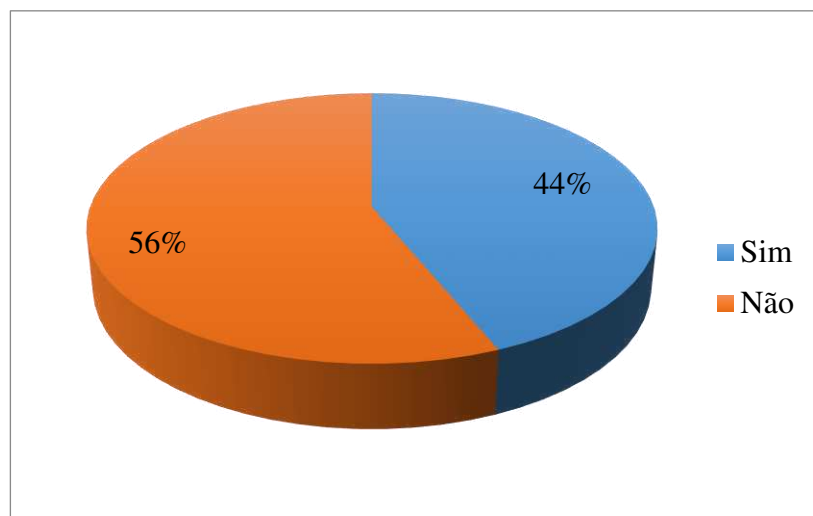


Fonte: GALVÃO, Ediane. MARTINS, Natyane. Itapecuru-Mirim, 2017.

Neste gráfico, os números deixam claro que apenas 44% dos interrogados sabem o que é uma fábula, porém 56% não conhecem esse gênero textual que também faz parte da literatura infantojuvenil. Tem um valor literário por, originalmente, ser uma narrativa oral contada entre os povos, ela traz a função educativa, pois contém ensinamentos que contribui para a formação do indivíduo. Colomer (2007, p. 32) define o papel do texto literário como função pedagógica: “A formação do leitor literário como justificção da tarefa educativa se integra na maioria das reflexões e dos programas curriculares surgidos recentemente.[...]”.

Embora o valor do texto literario seja inquestionável para a formação da criança, percebe-se no dia a dia de muitas delas o desconhecimento sobre os mesmo. A partir do contato com esse tipo texto (fábulas), o aluno poderá alcançar muitos dos objetivos propostos no processo de ensino e aprendizagem, como diz Colomer (2007, p. 62) “Grande parte da formação literária dos meninos e das meninas se produz através do seu contato direto com a literatura destinada à infância e à adolescência [...]”

Gráfico 8: Você já visitou alguma vez uma biblioteca?



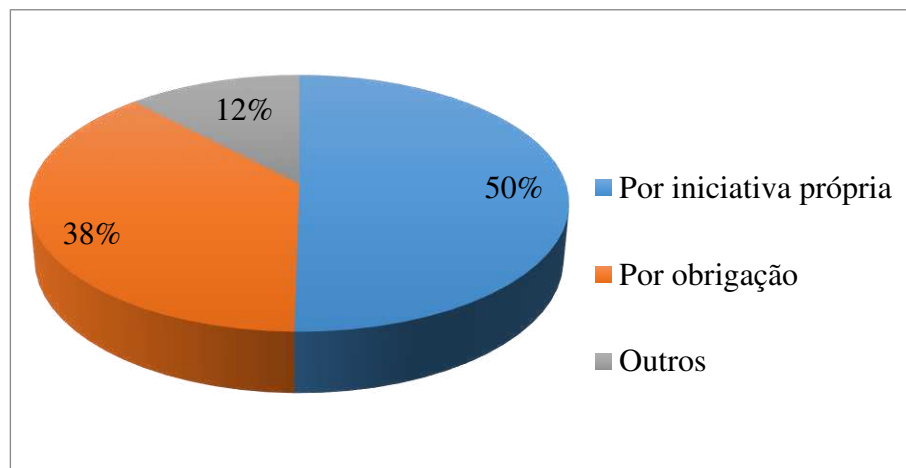
Fonte: GALVÃO, Ediane. MARTINS, Natyane. Itapecuru-Mirim, 2017.

Observa-se que 44% dos alunos já visitaram alguma biblioteca, por outro lado, 56% ainda não usufruíram deste espaço de leitura. Isso evidencia que há uma quantidade espantosa na formação de leitores, pois a biblioteca tem participação fundamental na habilidade de leitura. A leitura favorece a autonomia na compreensão de mundo e nas inúmeras possibilidades de interpretar todo e qualquer tipo de texto, propicia a aquisição de valores, enriquece a experiência pessoal e contribui para o desenvolvimento de transformação da sociedade. Conforme o PNBE (2014, p.14):

A biblioteca precisa ser assumida como o espaço da socialização, não do isolamento; inúmeras atividades positivas e prazerosas de leitura podem ser desenvolvidas nela: a contação ou leitura de histórias, fábulas, contos de fadas; a leitura ou a recitação de poemas; a busca de informações em livros informativos e tantas outras atividades [...].

Então, é importante que as escolas tenham um ambiente voltado para a leitura para que desafios sejam superados. Dedicar tempo à leitura nas bibliotecas ou em outros espaços de leitura é certamente investir em conhecimento, é ampliar a autonomia, criticidade e a criatividade.

Gráfico 9: Quando você lê, é:

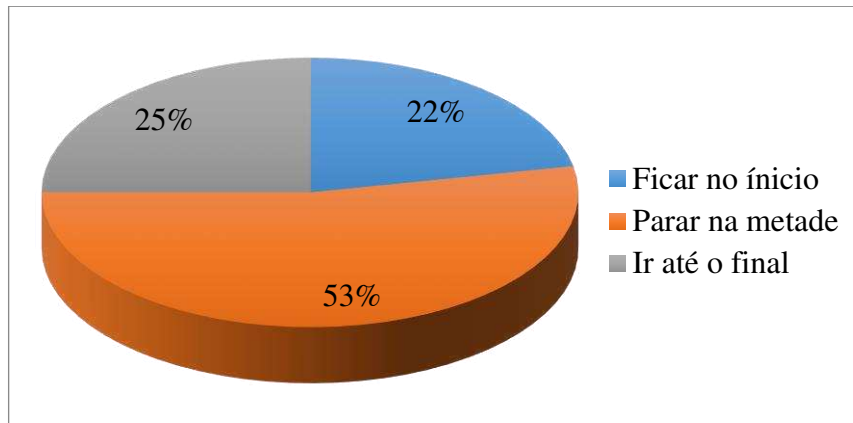


Fonte: GALVÃO, Ediane. MARTINS, Natyane. Itapecuru-Mirim, 2017.

Neste gráfico, consta que 38% do alunado lê por obrigação, 50% lê por iniciativa própria e 12% disseram que leem por outros objetivos. A metade dos alunos fazem suas leituras sem que outras pessoas os obriguem. Isso é muito importante para sua formação intelectual e cultural, a prática da leitura leva o aluno ao prazer, à descobertas e ao bom desempenho na sala de aula. Baseado nisso, Colomer (2007, p. 125) afirma: “[...] A leitura autônoma, continuada, silenciosa, de gratificação imediata e livre escolha, é imprescindível para o desenvolvimento das competências leitoras. [...]”

Desse modo, o leitor exerce com autonomia e fascínio a prática da leitura, transformando o ato de ler num relacionamento espontâneo, dialógico e afetivo com o texto, dessa forma, perpassa pela mera decifração de códigos e iniciam um novo processo de conhecimento de mundo e da litura. Ler espontaneamente é um passo importante para o ingresso e participação ativa na sociedade letrada. Gostar de ler é se emocionar com os sentidos e com a realidade, é o ponto de partida para mudar a visão de mundo.

Gráfico 10: Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:



Fonte: GALVÃO, Ediane. MARTINS, Natyane. Itapecuru-Mirim, 2017.

Nota-se que 53% dos entrevistados representam os alunos que, ao fazer suas leituras, param na metade, enquanto 22% ficam no início e 25% afirmam ir até o final da leitura. Segundo Cagliari (2008), a prática constante da leitura é capaz de preencher o vazio do indivíduo, quando o ser humano está num momento de solidão, uma boa leitura é o caminho para pensamentos reflexivos, processamento de informações, meditação e voltar-se a si mesmo. O autor diz ainda que antigamente faziam-se mais leituras porque não havia os atrativos que existem atualmente.

Então nesse viés, essa pode ser uma explicação para ausência de leitura entre os entrevistados, já que a maioria para na metade do texto que começam ler. À medida que se ler, mais habilidoso o indivíduo fica na leitura, e com isso facilita chegar ao fim de qualquer texto. Muitas dificuldades que os alunos deparam-se durante sua vida escolar são decorrentes da deficiência de leitura.

6 SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA COM OS DISCENTES

A apresentação e o desenvolvimento desse projeto deu-se na Unidade Escolar Professor Manoel Viana, localizada na Avenida Gomes de Sousa, no Centro da cidade de Itapecuru-Mirim - MA. O projeto foi realizado no 6º ano C, no turno vespertino. Foram planejadas atividades que levaram os alunos a refletirem sobre a importância da leitura, bem como o aprimoramento da leitura através do gênero textual fábula e sua integração na literatura infantojuvenil com a utilização de vídeos educativos mostrando conceitos e questionamentos sobre o tema, de modo a instruir os alunos a adquirirem uma postura crítica e à compreensão de que o ato de ler é essencial para sua formação humana e intelectual. Foram utilizadas leituras e exposições de fábulas; dinâmicas para tornar o projeto mais atrativo; dramatizações, ilustrações, produções pessoais e coletivas e reflexões.

A sequência didática, como instrumento pedagógico, interfere de maneira produtiva no aprendizado dos alunos permitindo que estes desenvolvam suas habilidades de leitura e escrita, bem como a sua comunicação oral. Neste sentido, compreende-se por sequência didática ou sequência de atividades “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor quanto pelos alunos” (ZABALA 1998, p.18). Através da sequência didática, que hora se caracteriza como uma sequência de atividades, o professor deve aprofundar-se nesse gênero em sala de aula, propiciando aos alunos o contato direto com fábulas para que eles possam perceber suas características e reescrevê-las, conforme descrição apresentada no decorrer desse capítulo.

Ressalta-se que todas as atividades foram elaboradas em forma de sequência didática, por meio do uso de estratégias de leituras em textos do gênero fábula e que os textos e recursos foram selecionados levando em conta conteúdos relevantes, que fizessem sentido na vida do aluno e que contribuíssem consideravelmente na construção de novos conhecimentos. Segue a baixo, a sequência didática desenvolvida na implementação do projeto.

6.1 Data 04/09/2017

Objetivos: Compreender a importância da leitura na vida do ser humano, para seu desenvolvimento intelectual, crítico e social; Reconhecer que a leitura está presente em diversos veículos de comunicação e que a prática de leitura é a ferramenta primordial para adquirir conhecimentos; Valorizar a leitura como fonte de informação, de prazer e entretenimento;

Conteúdo: Leitura;

Tempo estimado: 50 minutos;

Recursos didáticos: Datashow, notebook, cartazes, caixa de som, livros;

Procedimento: A abertura do projeto foi realizada com as saudações e apresentações das acadêmicas e do trabalho a ser desenvolvido aos alunos, onde foi colocado sua finalidade e relevância. Iniciou-se o assunto com as seguintes perguntas aos alunos: o que vocês observam nos cartazes que estão expostos?; do que se trata os cartazes?; o que é leitura?; porque a leitura é importante?; você gosta de ler?, onde houveram várias participações dos alunos, logo após, explanou-se concepções sobre o conteúdo Leitura e sua importância na vida do ser humano, ressaltando sempre que ela está presente em qualquer veículo de comunicação; para a reflexão acerca do assunto, foi exibido um vídeo com o título de *A menina que odiava livros*, cujo vídeo mostra a necessidade da leitura dentro e fora da sala de aula, que serviu como apoio motivacional.

Após assistirem ao vídeo, as aplicadoras fizeram interferências nos comentários levantados pelos alunos, explicaram as atitudes leitoras que são a leitura para pesquisas e/ou informações e a leitura por prazer, foi mencionado ainda que a leitura pode ser compartilhada ou individual, em voz alta ou silenciosa. Em seguida, houve a socialização do assunto com a participação dos estudantes, os quais expuseram suas interpretações sobre o tema do vídeo. O encerramento da aula neste dia, deu-se com uma palestra, com auxílio de slides, fazendo uma recapitulação do assunto estudado, foi percebido que os alunos sentiram-se motivados à leitura com as estratégias articuladas de forma adequada.

6.2 Data 05/09/2017

Objetivos: Expor conhecimentos prévios sobre o gênero textual fábula a partir da leitura do texto “O cão e o osso” de Esopo; Ampliar conhecimentos acerca do conteúdo fábulas tendo em vista seu conceito, aspectos históricos, características e elementos de composição; Diferenciar a fábula de outras narrativas outrora conhecidas ou estudadas; Desenvolver a capacidade interpretativa e o gosto pela leitura; Compreender a ideia apresentada no texto.

Conteúdo: Fábula: O cão e o osso de Esopo, retirada do livro Alfabetização: contos tradicionais, fábulas, lendas e mitos de Ana Rosa Abreu.

Tempo estimado: 50 minutos (uma aula);

Recursos didáticos: Datashow, notebook, livros;

Procedimento: O segundo dia da implementação iniciou-se com apresentação do texto *O cão e o osso* de Esopo, por se tratar do gênero textual fábula, as mediadoras pediram para

que os alunos lessem o título e fizessem previsões do que se fala o texto; a partir daí, a aula tornou-se bem participativa porque muitos alunos queriam falar ao mesmo tempo, e então foram abertas oportunidades para que cada um apresentasse seus pontos de vista referente ao texto.

A explanação do tema foi dada por meio de slides ilustrativos, o qual desperta a atenção da turma. O texto foi novamente lido em voz alta pela aplicadora para que pudessem adentrar, de fato, ao assunto. Perguntas como, que tipo de texto é esse?; você sabe o que é uma fábula?; você gosta de ler fábulas?, foram feitas aos alunos para que expusessem seus conhecimentos prévios sobre o assunto e tornar fácil o levantamento do que precisam aprender.

A partir de então, explanou-se o conceito, aspectos históricos, características, principais autores e elementos de composição do gênero fábula. Esta explicação foi necessária para que os alunos distinguíssem fábulas de outros textos narrativos; para que pudessem desenvolver suas capacidades de interpretação e obter motivação para a leitura constantemente.

6.3 Data: 06/09/2017

Objetivos: Aprimorar habilidades e competências leitoras; Refletir sobre a narrativa, contextualizando-a de acordo com a sua interpretação; Organizar texto seguindo a ordem correta dos fatos, parágrafos e outros aspectos contidos no mesmo; Socializar opiniões acerca da moral explicitada no fim do texto e outras informações compreendidas.

Conteúdo: Fábula: A cigarra e as formigas de Monteiro Lobato, retirada do livro Bem-te-li, língua portuguesa de Angiolina Bragança e Isabella Carpaneda.

Tempo estimado: 50 minutos

Recursos: Folha A4, texto impresso, livro didático, cola, lápis

Procedimento: No terceiro momento, foi exposto aos estudantes a fábula *A cigarra e as formigas*, de Monteiro Lobato. As leituras da narrativa foram feitas de forma individual e compartilhada objetivando a contínua prática de ler textos e interpretá-los. A história desta fábula despertou interesse aos alunos, sentiram-se motivados a participar oralmente durante a aula. A leitura e socialização da fábula foram feitas minuciosamente, com intervenções das mediadoras, afim de que memorizassem os detalhes como início, desenvolvimento e desfecho da narrativa, bem como a sequência dos parágrafos e outros elementos pertinentes ao gênero estudado.

Após o momento de exposição da referida fábula, foi proposto aos alunos, a atividade de montagem da história *A cigarra e as formigas*. A turma dividiu-se em grupos, onde cada

grupo recebeu o texto em pequenas partes para que montassem a fábula, sem consultas a materiais, baseados somente com as leituras e interpretações feitas minutos antes.

Nesta etapa do projeto, as equipes tiveram algumas dificuldades na realização da atividade, pois o processo de organização do texto requer atenção, memorização, conhecimento sobre os elementos da fábula e sem auxílio à forma original da história. Porém não houve nada que os impedisse de se dedicarem e descobrir esses aspectos para desenvolverem essa tarefa. Ao fim da montagem, foi recomendado que atribuíssem à essa fábula uma moral próprias deles, ou seja, que eles criassem a moral da história com suas próprias imaginações.

6.4 Data 11/09/2017

Objetivos: Desenvolver o senso crítico e a criatividade; Produzir fábula com ilustração de acordo com seus elementos estruturais; Aprimorar a escrita e a oralidade; Elaborar moral implícita ou explícita em fábulas; Realizar leitura em voz alta.

Conteúdo: Produção de fábulas

Tempo estimado: 2 horas aula

Recursos: Folha A4, lápis, pincel, quadro, lápis de cor

Procedimento: O quarto dia de atividades de implementação foi muito importante no processo ensino aprendizagem dos discentes. Foi um momento de produção textual e essa atividade contribui significativamente na formação leitora e produtiva do indivíduo. A etapa inicial deu-se com a revisão do conceito, características e elementos estruturais das fábulas. Os alunos expuseram seus entendimentos acerca do assunto, foi um momento de muitas participações.

Posterior às revisões, foi solicitado aos alunos que produzissem uma fábula ilustrada e que atentassem aos elementos que a compõem. Esta atividade objetiva o aprimoramento da leitura, da escrita e da oralidade dos alunos. Aqui eles puderam usar suas imaginações e demonstrar sua compreensão sobre o conteúdo estudado. Solicitou-se ainda que fossem elaboradas a moral da história explícita ou implicitamente. Com esta tarefa, aguçou-se o senso crítico e a criatividade dos alunos, os quais realizaram a leitura de suas experiências.

6.5 Dia 12/ 09/2017

Objetivos: Interpretar texto narrativo, manifestando suas opiniões oralmente; Compreender a moral implícita na fábula assistida; Reproduzir a história do vídeo, de forma

escrita, de acordo com seu entendimento. Realizar leitura da reprodução compartilhando-a com os demais alunos.

Conteúdo: Fábula: O leão e o ratinho de La Fontaine.

Tempo estimado: 50 minutos.

Recursos: Datashow, caixas de som, papel, notebook, lápis

Procedimento: No penúltimo dia de realização dos trabalhos, foi utilizado o vídeo da fábula *O leão e o ratinho* de La Fontaine na abertura da aula. A história foi estudada pelos alunos, onde apontaram as características do gênero em questão, respondendo às perguntas feitas pelas acadêmicas: que tipo de texto é o conteúdo do vídeo apresentado?, quais características apresentadas pelo vídeo são semelhantes à fábula escrita?, qual a moral que está implícita na história contada no vídeo?

Após o diálogo sobre o vídeo, os alunos recontaram a história assistida, de forma escrita e com suas palavras. Uma atividade proveitosa, pois assim puderam mostrar seus entendimentos e habilidades com leitura e produção textual. As leituras das reproduções foram feitas mediante toda a turma afim de que compartilhassem suas experiências.

6.6 13/09/2017

Objetivos: Aumentar o repertório de fábulas em suas leituras; Identificar a moral implícita na dramatização apresentada; Refletir sobre valores apresentados na fábula dramatizada.

Conteúdo: Fábula: A raposa e a cegonha de Esopo, retirada do livro *Ideias em contexto: língua portuguesa* de Iêda Maria Kucera.

Tempo estimado: Duas horas

Recursos: Texto impresso, folha A4, prato e vaso

Procedimento: No sexto e último momento da implementação do projeto na unidade escolar, foi um momento bastante esperado, pois muitas surpresas estavam por vir, porém triste porque seria a última etapa a ser desenvolvida no projeto pedagógico. Primeiramente foi recapitulado tudo o que foi estudado sobre leitura através do gênero textual fábulas, houve muitas participações dos alunos, pois as fábulas, além de ser uma ferramenta pedagógica, seu valor lúdico é de extrema importância para a formação leitora dos alunos.

Alguns alunos, que outrora foram sortudos e ensaiados, fizeram uma apresentação teatral da fábula *A raposa e a cegonha* de Esopo. A dramatização foi muito importante nos momentos finais, porque os alunos, tanto os que dramatizaram a peça como os que assistiram,

puderam pôr em prática o que aprenderam sobre fábulas e leitura durante o desenvolvimento do projeto.

Os estudantes demonstraram através das produções escritas, orais, atenção e diálogos que este trabalho obteve êxito, e cujo resultados apresentaram bons desempenhos em suas produções. O encerramento da culminância foi logo após a dramatização com a socialização do conhecimento adquirido. Posteriormente foi realizada a dinâmica “*O presente surpresa*”, a qual teve como objetivo transmitir mensagens específicas para cada participante: integração, participação, solidariedade, motivação, amizade, inteligência, paz, otimismo, etc as quais produzem efeito edificante.

As avaliações dos alunos durante a aplicação do projeto deram-se por observações quanto à participação e envolvimento durante as intervenções feitas pelas professoras. Foram notadas também a competência e habilidades em relação a leitura e a escrita; foram avaliados ainda, pelo seu envolvimento perante aos questionamentos acerca do conteúdo. Verificou-se atenção dos alunos quanto à compreensão dos assuntos Fábulas e Leitura e suas importâncias para a vida do ser humano, através dos escritos e da oralidade.

Contudo pode-se observar no comportamento e nas falas dos estudantes a importância desse projeto para os mesmos, pois segundo eles, foi algo bastante significativo, o que lhes proporcionou momentos únicos para a sua aprendizagem e que a experiência adquirida jamais seria esquecida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do que foi discorrido nesta proposta pedagógica, compreende-se que a leitura, embora sendo uma das atividades mais antigas na trajetória do homem, a cada dia continua sendo indispensável e de extrema importância neste percurso, desde a infância até os últimos anos de vida, pois esta se configura em um processo contínuo de aprendizagem que não se esgota ou se finda na escola, pelo contrário, inicia-se no convívio familiar, aperfeiçoa-se sistematicamente nessa instituição (na escola) e amplia-se em outros ambientes por meio da interação com outras pessoas de diferentes lugares e no contato com os vários materiais visuais ou escritos existentes no mundo. Para tanto, valorizá-la vai além de meras teorizações, pois para se efetivar de fato, é necessário que se tenha consciência de seus múltiplos benefícios e significados em todos os contextos nos quais o indivíduo encontra-se inserido.

O perfil da realidade observada mostra que o cidadão da contemporaneidade vive em uma sociedade letrada e tecnológica a qual cria, a todo momento, desafios que exigem conhecimentos cada vez mais abrangentes e diversificados nas mais diversas esferas comunicativas, onde a sua participação é indispensável para o progresso de seu país. Essa realidade endossa a necessidade e importância da competência leitora, uma vez que é principalmente por meio da leitura que o sujeito se desenvolve integralmente.

Em consonância com as contribuições apresentadas neste tecer de ideias, a leitura é a base de sustentação do ser humano, ao mesmo tempo que contribui para o seu desenvolvimento pessoal, também contribui com a sua formação reflexiva, política e social, isto é, gera conhecimentos, aprendizagens, alarga seus horizontes, levando-o a compreender o mundo a sua volta, o que lhe possibilita intervir de modo a fazer mudanças positivas para si e para o outro.

Sendo a leitura esse passaporte para o sucesso do ser humano no universo, fonte de informação, de descobertas, de instrução, faz-se necessário que ela seja internalizada desde os seus primeiros anos de vida, mostrando sua importância, mobilizando-o para que futuramente possa ser um leitor competente e conseqüentemente sirva de inspiração para seus descendentes. Nesse tocante, é relevante conhecer instrumentos (jornais, revistas, cartas, slogan, placas de rua, receitas, imagens, livros, rótulos de produtos, semáforo, etc) que permitam o acesso a essas informações, aos saberes e à cultura de modo geral.

Partindo-se dos conhecimentos explicitados no decorrer desta proposta é oportuno realçar a contribuição da literatura infantojuvenil no que tange à formação leitora, visto que esta tem a função de servir como ponto inicial para o universo da leitura, um elo enriquecedor

entre a imaginação e a realidade em diferentes contextos como visto nos capítulos ora ilustrados.

Com base na exposição tecida verificaram-se algumas das transformações significativas na história da literatura, onde a criança passou a ser reconhecida como tal e não mais como um adulto em miniatura. Criou-se então, uma literatura conivente com sua faixa etária, isto é, a partir das histórias destinadas às crianças e aos jovens. Essas mudanças ocorreram principalmente dentro das escolas, ao entenderem que o público infantojuvenil merecia ser tratado de outra forma, diferente daquela em que estiveram submersos por muitos anos. As produções literárias voltadas a essa clientela viabilizam suas necessidades, procurando adequar a linguagem oral e escrita para uma melhor compreensão e obtenção de resultados positivos.

Nesse aspecto o trabalho com a literatura infantojuvenil dentro das salas de aula tem como finalidade a otimização do processo de ensino aprendizagem, bem como o despertar do gosto e do hábito da leitura. A inclusão dessa literatura no âmbito escolar é indispensável para a formação dos educandos, pô-los em contato com os textos literários é uma de suas responsabilidades, pois muitos não têm esse contato em casa por vários motivos: condições econômicas, ausência de estímulo, falta de interesse, pais analfabetos, etc. A proximidade com esse tipo de texto desde a mais tenra idade possibilitará que a criança tenha interesse por outros tipos de textos e conseqüentemente pelos livros.

Assim sendo, dentro dessa abordagem, ressalta-se a contribuição especial das fábulas como elemento estimulador da leitura. Por meio delas a criança e o jovem se divertem, desenvolvem o seu raciocínio, a sua criatividade, o seu senso crítico, exercitam o seu imaginário, adquirindo as condições de interpretar diferentes situações, provocando discussões acerca de várias temáticas, as quais são abordadas através das personagens. Essas narrativas trazem características específicas que as diferenciam de outros textos literários trabalhados nas salas de aula: contos de fadas, apólogos, mito, lendas, romances, crônicas, etc.

Doutra forma, pode-se afirmar que as fábulas são formas simples, de caráter lúdico e educativo que, apesar de sua antiguidade, não perderam o seu valor na história, haja vista que muitos autores continuam a escrevê-las e reescrevê-las, divulgando-as em livros didáticos, blogs, revistas e outros. Seus benefícios são notórios no desenvolvimento leitor. Por meio da escuta ou leitura, o leitor exprime suas emoções e sentimentos. Sua capacidade interpretativa vai além das linhas do texto, o que lhe permite participar criticamente nas atividades de leitura, utilizando sua imaginação, oralidade, escrita e seu conhecimento prévio.

Nos momentos vivenciados em sala de aula com os alunos do 6º ano C da escola Professor Manoel Viana, constatou-se que as fábulas são ferramentas facilitadoras para o desenvolvimento e aprimoramento da linguagem oral e escrita. Como estratégia de leitura, são essenciais para dinamizar o trabalho do professor em sala de aula por servir de instrumento motivador, o qual instiga o leitor, despertando assim o seu interesse e o gosto pela leitura de forma prazerosa. Através das atividades realizadas com as fábulas pode-se observar o entusiasmo em aprender, a interação dos sujeitos envolvidos nas ações propostas, a consolidação de valores, o entrosamento cognitivo e afetivo.

Conforme todas as colocações aqui destacadas assegura-se a contribuição deste gênero textual para o hábito da leitura. Por intermédio dele, o educando é levado a compreender o que está explícito e implícito, a produzir textos, a ter consciência de que ler é muito mais do que transformar em fala o que está escrito, a descobrir a importância dessa prática para a ampliação de seus conhecimentos, para a sua formação pessoal e profissional.

Mediante ao que foi aludido, conclui-se que a leitura ocupa um espaço privilegiado na atualidade, quer seja nas ruas, nas escolas, no trabalho, quer seja nas relações pessoais, portanto, o seu incentivo deve ser semeado desde muito cedo por todos aqueles que aspiram sujeitos leitores competentes (o que assume uma postura ativa diante daquilo que lê ou escuta, que compreende o que está posto nas linhas e nas entrelinhas de um texto e é capaz de ler também textos não verbais), ou seja, que leia com autonomia.

Destarte, esse somatório de conhecimentos expostos reforça a relevância de se favorecer o hábito da leitura como um ato de prazer, de informação que implica na formação do ser humano, aproximando o aluno do universo letrado, colaborando com a democratização da escrita. Logo, o papel da escola, especialmente do professor é fundamental para que tal objetivo seja concretizado, não esquecendo que o incentivo a essa prática é fator determinante para o pleno exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luiza Maria Leite Machado. **Leitura de fábulas e escrita: percurso de subjetivação ética do aluno-professor.** / Luiza Maria Leite Machado Alves – Taubaté: UNITAU, 2007.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione, 1997.
- ABREU, Ana Rosa (et al.) Brasília: FUNDESCOLA/SEF-MEC, 2000. 3 v.: 128 p. n. 2.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura.** Ática, São Paulo, 1987.
- BRAGANÇA, Angiolina Domanico; CARPANEDA, Isabela Pessoa de Melo. **Bem-ti-li: língua portuguesa.** São Paulo: FTD, 1999
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAFIEIRO, D. **Leitura como processo: caderno do professor.** Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística.** 10ª ed. São Paulo: editora Scipione: 2008.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** 1. Ed – São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo.** Barueri, SP: Manole, 2010.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** (Tradução Laura Sandroni) – São Paulo: Global, 2007.
- COSTIN, C. **Projeto de incentivo à leitura.** Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <http://www.lerparaser.cjb.net..htm>. Acesso em: 20 de set. de 2015.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática.** 18ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CURIA, Denise Fonseca dos Santos. **A literatura infantojuvenil na contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula.** Publicada na Revista Thema, v. 9, nº 2. Disponível em: <http://revistathema.ifsul.ed.br/index.php/thema/article/view/134/73>. Acesso em: 21 jul., 2017.

DOHME, Vania D' Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história.** Petropolis, RJ: Vozes, 2010.

FEBA, Berta Lúcia Tagliari; SOUZA, Renata Junqueira de. (organizadoras). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2008.

GROTTA, Ellen C. B. **Formação do leitor: importância da mediação do professor.** IN: LEITE, Sergio A. da S. (org). **Alfabetização e letramento: contribuições para a prática.** Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

KUCERA, Ieda Maria; LUNA, Claudia Maria; SILVA, Marília M. Ormeneze. **Ideias em contexto: língua portuguesa.** São Paulo: Editora do Brasil, 1997.

LAJOLO, Marisa. **A narrativa na literatura para crianças e jovens.** Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/nl/meio.htm>. Acesso em: 24 de setembro de 2017

MACHADO, Irene A. **Literatura e redação: os gêneros literários e a tradição oral.** São Paulo: Scipione, 1994

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MATTA, Sozângela Schemim da. **Português – Linguagem e Interação.** Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda, 2009

MINISTÈRIO DA EDUCAÇÃO, **PNBE na escola: literatura fora da caixa.** Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2014.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários.** São Paulo: Cultrix, 2004.

NASCIMENTO, Flávia dos Santos; SCARELI, Geovana. **As fábulas na contemporaneidade: um estudo sobre “o Lobo e o cão” de Esopo.** In: V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, 2011, São Cristovão – SE. **Anais...** São Cristovão: V Colóquio Internacional, 2011, p. 1-12.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer: interação participativa com a literatura infantil na escola.** São Paulo: Paulinas, 1996 – (Coleção comunicar)

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, 2000.

SMOLKA, Neide. **Esopo: Fábulas completas.** São Paulo: Moderna, 1995.

SANTOS, Ismael dos. **Homens, raposas e uvas: a fábula na literatura brasileira**. Blumenau. Edifurb, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas**. São Paulo: Ática, 2005, p. 24.

_____. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Criticidade e Leitura: ensaios**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998

SILVA, Tatiane Leite da. **Fábulas**. Disponível em: <https://nuhtaradahab.wordepresse.com/tatiane-leite-da-silva-fabula>. Acesso em: 20 set. 2017.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. – 2. ed. – ver. – Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 28 jan. 2017

SUASSUNA, Livia. **Ensaio da Língua portuguesa**. uma abordagem pragmática. Campinas: Papyrus, 1995.

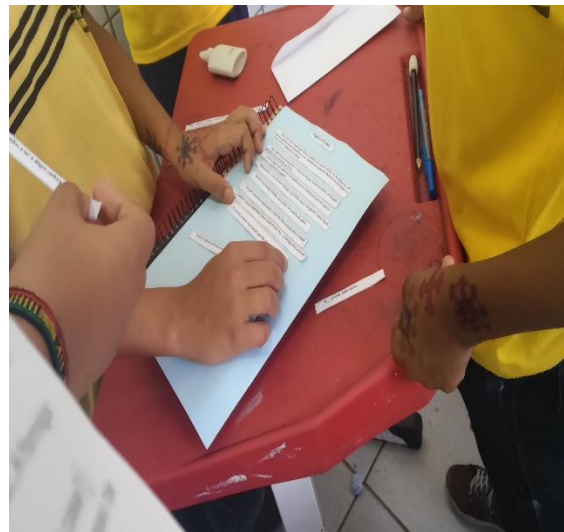
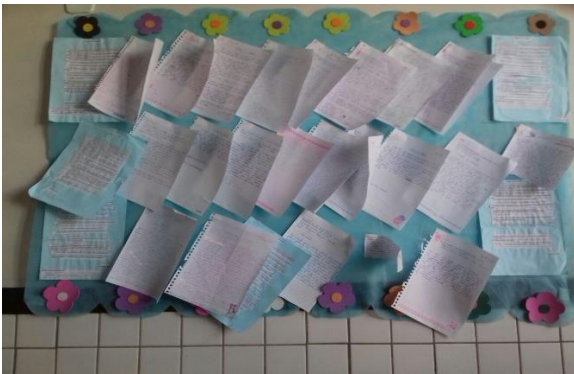
UBIALI, Elizabeth Aranha Guimarães. **Aprendendo e Divertindo: de Esopo a Lobato, o percurso histórico da fábula na história**. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/712>.> Acesso em: 15 set. 2017.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. 3ª ed. São Paulo. Martins Fontes: 2000
https://www.youtube.com/watch?v=36B_GpCRKs. Acesso em: 08 de set. 2017.

APÊNDICE

Registro das atividades realizadas no projeto



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE ITAPECURU MIRIM
CURSO DE LETRAS

Questionário de sondagem com os discentes

- 1) Você gosta de ler?
 Sim Não Às vezes
- 2) Você costuma ler todos os dias livros, revistas, jornais ou outros instrumentos de leitura em sua casa?
 Sim Não
- 3) Você acha que a leitura é importante na vida do ser humano?
 Sim Não
- 4) Sua família e/ou responsáveis por você costuma incentivá-lo a praticar a leitura?
 Sim Não
- 5) Seus professores o incentivam a ler?
 Sim Não
- 6) Quando você ler uma história ou outros tipos de textos, você entende o que ler?
 Sim Não
- 7) Você sabe o que é fábula? Se sim, teria interesse em ler uma?
 Sim Não
- 8) Você já visitou alguma vez uma biblioteca?
 Sim Não
- 9) Quando você lê, é:
 Por iniciativa própria Por obrigação Outro:
- 10) Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:
 ficar no início
 parar na metade
 ir até o final

ANEXOS

A Cigarra e as formigas

Havia uma jovem cigarra que rinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro. Só parava quando estava cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra sem abrigo em seu galinho seca e metida em grandes apuros debilitou-se socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa arrastar lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu-tique, tique...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

_ Que quer?- perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

_ Venho em busca de agasalho. O bom tempo cessa e eu...A formiga olhou-a de alto a baixo.

_ E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

_ Eu cantava, bem sabe...

-Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então que cantava nesta árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

_ Isso era eu...

_ Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que a sua cantoria proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de Sol.

Moral da História: Os artistas: poetas, pintores, músicos, são as cigarras da humanidade.

Monteiro Lobato

A raposa e a cegonha

A raposa e a cegonha pareciam amigas sinceras. Certo dia, a raposa convidou a cegonha para jantar e, por brincadeira, botou na mesa apenas um prato raso com um pouco de sopa. A cegonha pode apenas molhar a ponta do bico e saiu dali com muita fome.

_ Você não gostou da sopa? _ perguntou a raposa.

_ Não pense nisso – disse a cegonha. – Espero que, em retribuição a esta visita, você venha jantar comigo.

No dia seguinte, a raposa foi pagar a visita. Quando se sentaram à mesa, o jantar estava num jarro comprido e de boca estreita, no qual a raposa não podia introduzir o focinho. Tudo o que ela conseguiu foi lambe a parte externa do jarro.

_ Não pedirei desculpas pelo jantar. _ disse a cegonha.



Moral: Não faça aos outros o que não gostaria que fizessem com você.

Adaptação de: Esopo